



Consiglieri Pedroso

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ARQUIVO DOS SEUS TRABALHOS

Série I—N.º 1

Janeiro a Março de 1915

SUMÁRIO

- Consiglieri Pedroso propagandista da Instrução popular.
- O nosso arquivo.
- A sede da Liga.
- Extracto das actas das reuniões da direcção da Liga.
- O ensino doméstico em Portugal.
- O 4.º Congresso pedagógico: Concurso das canções escolares — Beneméritos da Instrução.
- A obra dum português no estrangeiro.
- O novo diploma de benemérito da Instrução.
- Cursos subsidiados pela Liga.
- Trabalhos dos núcleos da Liga.

Consiglieri Pedroso propagandista da instrução popular

Consiglieri Pedroso entendeu sempre que a primeira necessidade dum povo, depois do pão, era a instrução. Toda a sua vida está cheia de actos que demonstram até a evidência êste seu modo de pensar. Dá-se até o caso que o início e o fim da sua vida pública estão marcados por factos atinentes à instrução do povo ministrada pela forma mais democrática, isto é, por intervenção de vereadores municipais de eleição popular e de cunho acentuadamente republicano.

Assim em 1875, aos 23 anos de idade, entrou pela primeira vez na carreira oficial para, na secretaria da Câmara Municipal de Lisboa, organizar a instrução primária da capital, então a cargo do município, sendo nomeado para êsse lugar por proposta do vereador José Elias Garcia, o valente e criterioso organizador do partido republicano em Portugal; e no fim da vida, aos 58 anos, neste corrente ano de 1910, estando já na câmara uma vereação completamente republicana, procurou e conseguiu dela terreno para a edificação duma escola primária integral, construída e dirigida pela Liga



Nacional de Instrução, da qual era presidente desde a sua organização; e já nas vésperas da sua morte o seu último acto público foi ir pessoalmente agradecer essa concessão à camara, na pessoa do seu presidente, o sábio Braamcamp Freire.

Mas estes actos, que parecem meramente casuais, são, de resto, o cunho de toda a sua feição política. Desde o alvorecer da sua cultivada intelligência, o povo, a sua vida, os seus costumes, o seu modo de ser, foram a preocupação dos seus estudos queridos.

Logo aos 19 anos, ainda nos bancos das escolas superiores, êle se dedicou ao exame do *folk-lore*, dos contos e superstições populares, publicando, sobre êsses assuntos notáveis trabalhos críticos não só na revista portugueza *O Positivismo*, foco ardente dos democratas de então, mas também em outras estrangeiras, francesas e inglesas, para as quaes mandava as suas publicações escritas nessas línguas, que desde muito novo falava e escrevia correctamente.

Por êsse tempo entrava também na política activa, assentando praça no partido republicano, que então não podia oferecer grandes benesses nem honrarias. Mas era o partido do povo, e Consiglieri ali se arregimentou ao lado do povo. E, uma vez nesse campo de luta, a sua modalidade intelectual fez-lhe ver que a sua obra devia principalmente dirigir-se a instruir o povo, formando-lhe e elevando-lhe o espirito, fazendo-lhe bem comprehender os seus direitos e os seus deveres.

Por isso em 1886 encetou a publicação periódica de pequenos folhetos para instrução popular, a que deu o título de *Propaganda Democrática*, publicação quinzenal para o povo. Para o povo — porque era para o povo que êle escrevia, era o povo que êle queria educar.

Os assuntos tratados nesses folhetos, que apareceram regularmente durante anos, formam um repositório excelente de tudo o que interessava então à propaganda democrática entre o povo portuguez. Basta ler os títulos dalguns dêles para se ver com que habilidade e critério iam sendo tratadas ali todas as questões palpitantes, a religiosa, a política e a económica:

A questão religiosa, nos folhetos:—4.º *José Estêvão e a reacção religiosa*; 12.º *A secularização do ensino*; 13.º *O juramento político*; 28.º *A separação da Igreja e do Estado*.

A questão politica, nos folhetos:—2.º *O que é a república*; 10.º *O que deve ser uma eleição*; 6.º *Constituição dos Estados Unidos*; 22.º *A constituição da Suíça*; 23.º *A revolução francesa*; 38.º *A solidariedade social*, etc.

A questão económica, nos folhetos:—5.º *O imposto democrático*; 18.º *Legislação do trabalho*; 41.º *As exposições*; 42.º *O Monopólio bancário*, etc.

Logo o primeiro volumezinho da sua *Propaganda Democrática* fixava indelévelmente os intuitos da publicação; intitulava-se *O que o povo deve saber*. E nele se lê:

«Num país, em que grande parte dos cidadãos intervêm por meio do voto no governo do Estado, não há questão mais importante do que a da instrução do povo.

Instruir o povo é emancipá-lo de todos os tiranos, que ainda hoje o oprimem; porque no dia em que cada um de nós souber quais são os seus direitos e quais são as garantias que a lei lhe confere, nesse dia os abusos e as prepotências dos governos encontrarão diante de si a nação inteira a resistir-lhes.

Instruir o povo é, além disso, moralizá-lo, porque a verdadeira responsabilidade só começa com a instrução, e é principalmente prepará-lo para poder, duma maneira eficaz, fiscalizar os actos dos que, em seu nome, administram a fortuna pública e dispõem dos enormes recursos do Estado.

Se até hoje, na nossa terra, a maioria dos governos só tem sabido atropelar as leis e vexar os cidadãos, é porque o povo, na sua indiferença, tem tolerado êsses atropelos e suportado êsses vexames.

É por tal motivo que nos países mais adiantados, como a França, a Inglaterra e os Estados Unidos, a educação do povo, é especialmente a sua educação cívica, representa o primeiro cuidado e constitui a mais alta missão dos homens que estão á frente dos partidos políticos.

Nestes países nenhum estadista se lembraria de invocar, como justificação dos seus erros, o silêncio da opinião pública, porque é na discussão franca, embora por vezes apaixonada, de todos os assuntos políticos, que os governos dignos dêste nome vão encontrar a força necessária para arcarem com dificuldades que, sem tal pressão, seriam insuperáveis.

Ora, como não há discussão nem opinião pública sem a instrução política correlativa, é por isso que nas nações a que nos referimos a educação cívica dos cidadãos constitui o lema comum de todos os partidos e de todos os ministérios.

Em Inglaterra, por exemplo, uma única associação particular, o *Cobden Club*, tem distribuído pelas classes populares milhões de pequenos folhetos, onde se encontram esclarecidas e elucidadas, numa linguagem simples, despretentiosa e ao alcance de todos, as questões económicas e políticas mais importantes que podem interessar o povo inglês.

Nos Estados Unidos é quasi um dever a publicação dos *Manuais do cidadão*, onde se ensinam aos norte-americanos todos os direitos que assistem aos habitantes da grande república.

Na Suíça são essas publicações vulgaríssimas, assim como modernamente em França, depois que esta nação entrou no caminho da sua regeneração política.

Na Noruega o partido radical, antes de empreender contra o rei Óscar a luta de que há pouco saiu vencedor, preparou a opinião pública, distribuindo profusamente inúmeros folhetos e fôlhas volantes, onde se ensinava ao povo a parte que êle devia tomar no duelo que se estava travado entre a rialeza e a nação.

Em toda a parte, emfim, onde a democracia governa ou tende a implantar-se se julgou indispensável tratar da educação cívica dos cidadãos.

Quando os governos eram absolutos, ou quando só mandava

legalmente o rei pela graça superior da divindade, podia o povo ser ignorante.

Nessas épocas de obscurantismo, em que uma nação inteira quasi que sómente existia para servir de pedestal ao homem que directamente de Deus dizia ter recebido o dom de escravizar milhões dos seus semelhantes, podia o povo ser o que foi durante toda a Antiguidade e Idade Média.

Nesses tempos de triste recordação era até melhor êle ignorar direitos que não podia conquistar e garantias que só alguns séculos de revoluções e de lutas lhe haviam de inscrever mais tarde na sua carta de alforria.

¿ Que martírio incomparável não devia de ser para o servo da gleba feudal sentir, se isso fôra possível, as aspirações do cidadão emancipado dos nossos estados modernos?!

Mas hoje, que o povo vota, que vai aos comícios, que se reúne nos grémios, é preciso que esteja ao corrente não só das leis que actualmente vigoram, mas ainda dos esforços que os seus representantes fazem para as aperfeiçoar. É preciso que o povo esteja no caso de compreender a linguagem dos políticos para se interessar pela boa política e não ser iludido pelos que especulam com a sua credulidade. É preciso que todos saibam apreciar as grandes questões do dia que se debatem no parlamento ou na imprensa, para poderem escolher com consciência os homens que hão-de ir ao seio da representação nacional pleitear pelos seus interêsses».

E êste 1.º folheto, publicado em 1886, terminava por períodos como estes:

«Eis em brevíssimas e singelas palavras o que a grande massa dos cidadãos, que vota, deveria saber para junto da urna, ou na praça pública, fazer valer a sua vontade.

Não quer isto dizer que nas modernas democracias seja preciso de cada indivíduo fazer um sábio. Não! Mas o que é indispensável é que todos êles, que directa ou indirectamente tem de intervir na administração e no govêrno do Estado estejam habilitados, por uma instrução geral ainda que pouco profunda, a compreender a maneira por que os seus mandatários desempenham a missão de que foram incumbidos e o alcance das medidas que em nome do povo são votadas.

Foi êste o motivo que nos inspirou ao fundarmos, com o auxílio de dedicados amigos, a modesta publicação cujo programa apresentamos hoje à democracia portuguesa. Tendo passado toda a nossa vida política em meio do povo, a lição de muitos anos ensinou-nos a conhecer bem de perto as necessidades mais instantes das classes populares; e havendo recebido a honra de ser um dos representantes da capital em côrtes, a não menos proficua lição de três anos de vida parlamentar fez-nos bem apreciar, com o rigor duma eloquente contraprova, o quanto a educação cívica do nosso povo faria mudar num momento o rumo da política dêste pobre país, tam paciente e tam resignado ante a briga das facções, que com raivoso encarnecimento disputam os farrapos da sua túnica!

Não é para servir qualquer individualidade ou qualquer grupo que a *Propaganda Democrática* se fundou.

O seu fim exclusivo e único é contribuir para que as grandes questões políticas e sociais da actualidade possam ser compreendidas por todos aqueles que até hoje, por falta dum guia seguro e imparcial, se tem infelizmente deixado iludir na sua boa fé.

A política moderna, tal como a democracia republicana a vai pondo sucessivamente em prática, quer como partido governamental, onde ela já é Governo, quer como partido da opposição, não tem mistérios para ninguém. A política dos mistérios é a política obscura e tortuosa das chancelarias, que, vivendo nas trevas, se apraz em combater por todos os modos as aspirações dos povos para a independência. Por isso a primeira missão e a mais gloriosa do partido republicano português, neste período militante que vamos atravessando, é a de instruir a nação, fazendo-lhe compreender os seus direitos e o modo como, pelo exercício desses direitos, pode conquistar a sua emancipação política e social.

Não será, pois, recorrendo aos artifícios ou aos embustes duma suposta sciência que buscaremos no público um apoio para a realização dos nossos ideais. A missão da *Propaganda Democrática* é de ilustrar as massas, mas ilustrá-las com a verdade. Sinceramente democratas e sinceramente republicanos, somos igualmente sinceramente amantes da verdade para não falsear, mesmo num interesse partidário, nem para permitir que alguém, sob a nossa responsabilidade, a falseie. A obra da *Propaganda Democrática*, a que ligamos o nosso nome humilde mas imaculado, será, acima de tudo, uma obra de consciência.

Será para todos os que imparcialmente quiserem instruir-se nas grandes questões do dia um repositório de boa e sã doutrina.

O povo de Lisboa compreendeu bem o valor da obra do propagandista da sua instrução elegendo-o para o representar em côrtes em duas legislaturas consecutivas, em 1887 e 1890, deixando só de ir ao Parlamento quando, depois da revolução do Pôrto, em 31 de Janeiro de 1891, os governos monárquicos fizeram leis eleitorais que impediam totalmente a representação popular, leis a que depois se chamou «a ignóbil porcaria».

Além dos serviços prestados à nação nas câmaras, êle não deixou nunca de trabalhar fora delas para instruir o povo em conferências, que depois compendiou no livro *As grandes épocas históricas*, e no jornalismo, fundando, com Alves Correia, *Os Debates*, a que se seguiu *A Vanguarda*.

Mais tarde, quando em 1907, na Associação dos Jornalistas, um grupo de patriotas resolveu fundar em Portugal uma *Liga Nacional de Instrução*, semelhante àquela que Macé fundou em França em 1860, com o nome de *Ligue d'Enseignement*, foi a Consiglieri Pedroso que se recorreu para presidir e dirigir essa nova instituição, consagrada em especial à instrução do povo. E êle, desde então até a sua morte, tomou o seu papel bem a peito, convicto de que era esse o caminho para a verdadeira libertação e emancipação da classe popu-

lar e de toda a nação. Que era êsse o seu modo de ver manifestou-o logo muito categoricamente na primeira assemblea geral reúnida para a constituição definitiva da Liga, porque, como um dos assistentes manifestasse a opinião de que se devia atender primeiro ao ensino superior, Consiglieri replicou a essa contradita «que na Alemanha se operou a regeneração intelectual daquele país pela difusão do ensino primário, e ao passo que na Rússia, onde a instrução superior está a par da instrução ministrada nos países mais adiantados, mas a instrução popular é quasi nula, acontece que o povo, desconhecendo os seus deveres cívicos, se lançou numa luta sanguinolenta, que resultará improficua para o bem-estar daquela nacionalidade».

Nos dois congressos da Liga, em 1908 e 1909, Consiglieri Pedroso fez vibrar sempre nos seus discursos, como presidente, a mesma nota da necessidade e importância de instruir o povo:

«É a escola, dizia êle em 1908, que reage sôbre a situação politica dum povo e que levanta o seu nivel moral. Todos os nossos esforços devem, em resumo, convergir no sentido de estender a cada recanto do país os beneficios da instrução, de sorte que nem um único português fique privado dêles».

Com a recordação dêstes factos cremos ter provado bastante-mmente que Consigliéri Pedroso foi toda a vida um enérgico e firme propagandista da instrução popular, pelo folheto, pelo livro, pelo jornal e pelo discurso. O povo deverá contá-lo sempre como um dos seus verdadeiros amigos, porque foi o amigo sincero da sua verdadeira instrução, e porque foi a instrução, derramada largamente durante anos e por todos aqueles processos na alma do povo da capital, que produziu o meio próprio para nela se fazer a revolução que implantou finalmente a República Portuguesa, a sonhadora aspiração que o nosso saúdoso presidente já não conseguiu ver realizada.

Mas se o povo, neste marulhar constante e turbulento de pessoas e cousas, esquecer o nome e a obra dêsse propagandista do seu bem pela instrução, a história, serena e imparcial, é que o não pode esquecer, e para essa história aqui deixamos estes pequenos dados documentais, como mesquinho óbolo da nossa saúde pelo grande amigo e mestre.

Lisboa, Novembro 1910.

M. Borges Grainha.

O nosso arquivo

Decorridos oito anos, a Liga Nacional de Instrução, dando um balanço à sua obra patriótica, verifica ter sido longo o seu trabalho, dedicando à causa da educação nacional desinteressado esforço.

O público e todos os amigos desta Liga melhor conhecem o que se exterioriza, e assim parece que a nossa acção se tem resumido aos congressos efectuados, e outras manifestações em que a Liga se tem evidenciado; mas, reparando para o nosso arquivo, nele se encontram estudos e trabalhos que bem demonstram uma constante e útil actividade. E, entre outros, ressaltam muitos onde se observa a acção do nosso benemérito presidente Consiglieri Pedroso, êsse elevado espirito que tam criteriosamente nos deu todo o alento e a mais prestimosa e esclarecida colaboração.

Deixar esquecido tanto esforço, ocultar o que tem sido a nossa iniciativa em tantos assuntos que competem ao problema educativo, seria um êrro, e vendo o alcance da publicação do que possuímos, assim se patenteia a nossa boa vontade e bem se justifica o que se tem feito.

Colhêr do nosso arquivo o que se julgue de mais interessante e proveitoso, noticiar os factos de todos os dias em que a direcção da Liga evidencia a sua constante actividade, transcrever documentos que oferecem relatos e iniciativas dignas de aprêço, tratar dos assuntos de actualidade que se conjuguem com os fins desta agremiação e o resumo das nossas actas, — tal é o fim desta publicação.

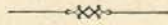
Assim ficará feita a nossa história, que é modesta e simples, mas sincera no sentimento que a inspira, no desinterêsse que sempre a tem guiado, e, os que a lerem, algum ensinamento colherão, principalmente aqueles a quem sempre dedicámos o melhor do nosso honesto trabalho, os que precisam do cultivo do espirito, para serem homens dignos e úteis.

A sede da Liga

Seria uma falta imperdoável, se no nosso 1.º número não testemunhássemos publicamente o nosso reconhecimento para com a Sociedade de Geografia de Lisboa que, sempre solícita em auxiliar as iniciativas generosas que surjam para o levantamento de Portugal, nos tem cedido as suas salas para as nossas reuniões e congressos.

Por variadas circunstâncias a situação financeira da Liga não tem melhorado, e portanto não tem permitido a realização dum dos seus principais desideratos, qual a construção dum edificio para a sua sede e para o qual até já possui o terreno necessário. A Liga, porém, não desistiu ainda de o conseguir, e tem procurado por todos os meios obter casa para a sua sede e para as escolas que deseja fundar e orientar.

No entanto, a Sociedade de Geografia continuando a prestar-nos tam generoso serviço, pode estar certa que toda a nossa acção e esforços estão bem dentro do seu patriótico programa de trabalhar pela Pátria.



Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga

(Desde Outubro de 1914)

A direcção da Liga reúne ordinariamente todas as sextas-feiras.

Acta n.º 113 (20 de Novembro de 1914).—Compareceu pela primeira vez à reunião da Direcção o novo vogal Sr. Dr. Adelino Furtado, com o que se congratularam todos os vogais presentes.

Tratou-se da obtenção da casa para a instalação da Liga, recordando-se a promessa feita pelo Sr. Ministro de Instrução (Sobral Cid) por ocasião do 4.º Congresso Pedagógico, de ser incluída no futuro orçamento qualquer verba destinada a esse fim.

Acta n.º 114 (27 de Novembro de 1914).—O tesoureiro Sr. Vieira e Silva apresentou o relatório de contas das gerências de 1911-1912, 1912-1913 e 1913-1914, acusando um saldo para o ano seguinte de 2.241\$96.

Foi proposto e aprovado subsidiar alguns cursos nocturnos e realizar palestras instrutivas nos meios populares, utilizando-se para esse fim a lanterna e clichés que a Liga possui.

Acta n.º 115 (14 de Dezembro de 1914).—Discute-se a forma da realização dos cursos nocturnos propostos anteriormente e a propósito deste novo meio de acção da Liga trocam-se impressões e fazem-se largas referências aos trabalhos anteriores da mesma, citando-se entre outros a iniciativa e vulgarização das festas da árvore, os congressos, o incentivo à criação de cantinas e balneários, etc., notando-se ao mesmo tempo o pouco apoio e atenção que esses trabalhos tem merecido às estações superiores. Votou-se dispender com os cursos nocturnos até a quantia de 400\$ anuais.

Acta n.º 116 (11 de Dezembro de 1914).—Tendo-se anteriormente pensado na criação dum curso infantil, o Sr. Lemos apresenta um esquema da organização das escolas maternas no estrangeiro, fazendo notar as modificações que julga necessárias ao serem introduzidas em Portugal.

O Sr. Francisco Santos, considerando que a criação duma escola maternal modelo seria superior às posses da Liga, lembra que talvez de acôrdo com a Câmara Municipal se poderiam subsidiar e orientar alguns cursos maternas nas próprias escolas primárias já existentes. Este assunto ficou para ser tratado mais tarde depois de estudadas as suas condições de viabilidade.

Acta n.º 117 (29 de Dezembro de 1914).—Tratou-se do modo da publicação em volume das canções escolares premiadas no concurso que teve lugar por ocasião do 4.º Congresso Pedagógico.

Acta n.º 118 (8 de Janeiro de 1915).—Continua a tratar-se da publicação das canções escolares, sendo aprovada a proposta do vogal Sr. Júlio Cardona de se formar uma comissão para levar a efeito essa publicação. A comissão ficou constituída pelos Srs. Augusto Machado, Júlio Neuparth, J. Cardona, António Ferrão e Borges Grainha.

Acta n.º 119 (15 de Janeiro de 1915).—Congratula-se a direcção pela nomeação do Sr. Lemos para professor de trabalhos manuais da Escola Normal, tratando-se largamente do assunto dos trabalhos manuais em Portugal especialmente no Colégio Militar.

Foi resolvido que fôsse transcrita no livro das actas das reuniões da direcção a acta do concurso das canções.

Acta n.º 120 (22 de Janeiro de 1915).—Propôs-se que junto do Sr. Ministro de Instrução se providenciasse contra os espectáculos dedicados a crianças com fitas anti-educativas.

Pelo Sr. Marques Leitão foi feita uma exposição sôbre a escola para crianças doentes do Sanatório de Outão e comunicou que a Assistência Nacional aos Tuberculosos estava fazendo, junto ao seu sanatório popular de Lisboa, ao Lumiar, instalações próprias para uma escola ao ar livre. Lembrou à Liga a conveniência do estudo destes assuntos e a possibilidade dela concorrer com a sua acção e orientação pedagógica.

Acta n.º 121 (5 de Fevereiro de 1915).—O Sr. Borges Grainha comunicou estarem já a funcionar 4 cursos nocturnos subsidiados pela Liga nas seguintes associações: Federação Operária, Centro Alexandre Braga, Centro Miguel Bombarda, Centro Republicano de Campo de Ourique.

Acta n.º 122 (19 de Fevereiro de 1915).—Apreciaram-se as impressões trocadas por alguns membros da Direcção com o Sr. Ministro de Instrução Goulart de Medeiros, resolvendo-se registar a promessa deste senhor de fazer incluir no futuro orçamento do Estado um subsidio à Liga e de se interessar junto do Sr. Ministro dos Estrangeiros pela cedência duma casa congreganista que a Liga pretende alugar para instalar uma escola infantil.

Deliberou-se activar os trabalhos para a publicação das canções escolares.

Tomou-se conhecimento da circular da Empresa do Salão da Trindade em que comunicava ao professorado que de futuro se realizariam às quintas-feiras *matinées* com fitas educativas e cómicas naquella casa de espectáculo.

Acta n.º 123 (26 de Fevereiro de 1915).—Continuou-se a tratar da publicação das canções escolares.

Foram apresentados vários mapas de aproveitamento de 3 cursos nocturnos subsidiados pela Liga.

Foi lido, discutido e aprovado o projecto do relatório que a Direcção deve apresentar à Assembleia Geral.

Foi proposto que se iniciasse a publicação do *Arquivo da Liga*, e que fôsem ali incluídos os extractos das actas desde o princípio do actual ano social. A comissão de redacção ficou constituída pelos Srs. Marques Leitão, Dr. Aníbal Magalhães e Álvaro Lemos.

Acta n.º 124 (5 de Março de 1915).—Foi recebido e deferido um pedido do Centro Henriques Nogueira para que a Liga ali subsidiasse também um curso de aperfeiçoamento como estava já fazendo com outras associações.

Resolveu-se que os Srs. Dr. Aníbal de Magalhães e Álvaro Lemos fizessem, em duas das escolas subsidiadas pela Liga, palestras com projecções, respectivamente sôbre higiene e colónias portuguesas.

Acta n.º 125 (12 de Março de 1915).—Comparecendo o Sr. Cardona ficou com plenos poderes para tratar da publicação das canções escolares, prometendo fazê lo com a máxima brevidade, pedindo porê m para ser substituído na Direcção da Liga, completada aquela missão, visto os seus afazeres profissionais lhe não permitirem acompanhar com assiduidade os seus trabalhos.

+ O ensino doméstico em Portugal

Relatórios enviados pela Liga de Instrução ao Congresso de Gand em 1913

Acedendo ao convite, que por parte do Govêrno lhe fôra feito, a Liga de Instrução resolveu fazer-se representar no Congresso sôbre *ensino de occupaões domésticas*, que teve lugar em Gand, e promover ao mesmo tempo o envio dalguns trabalhos sôbre o assunto.

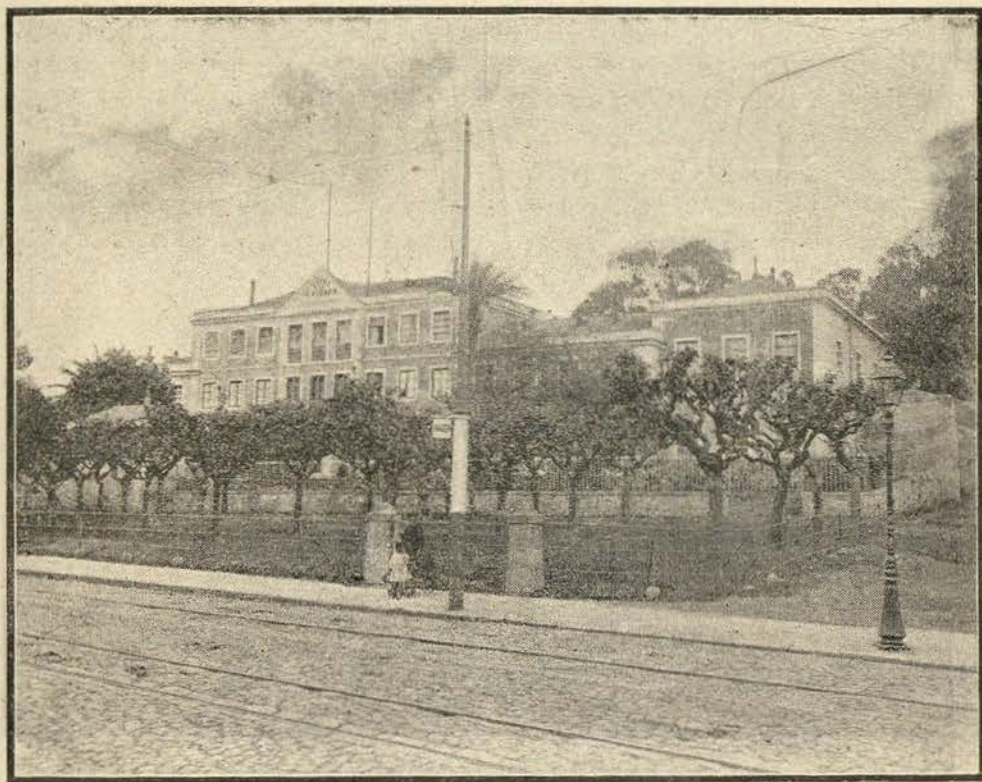
Por ser um ramo de ensino dos mais úteis e interessantes, que convêm divulgar, passamos a publicar a reprodução das fotografias e alguns dos relatórios que devidamente vertidos para francês ali foram, por intermédio da Liga, apresentados.

Asilo de D. Pedro V para a infância desvalida

Em Lisboa, no sítio chamado Campo Grande, existe um asilo para meninas pobres em que a educação doméstica é a base de ensino.

Nele não há criadas de nenhuma espécie. São as próprias alunas que cozinham, servem à mesa, varrem e esfregam a casa, lavam a roupa, engomam, costuram, bordam, cortam o cabelo e são enfermeiras umas das outras, e servem também de porteiras. Das alunas mais aproveitadas são escolhidas as futuras mestras que começam por ser ajudantes das mais antigas.

De portas a dentro no estabelecimento todos os serviços e cargos são desempenhados por alunas e antigas alunas.



O Asilo D. Pedro V no Campo Grande

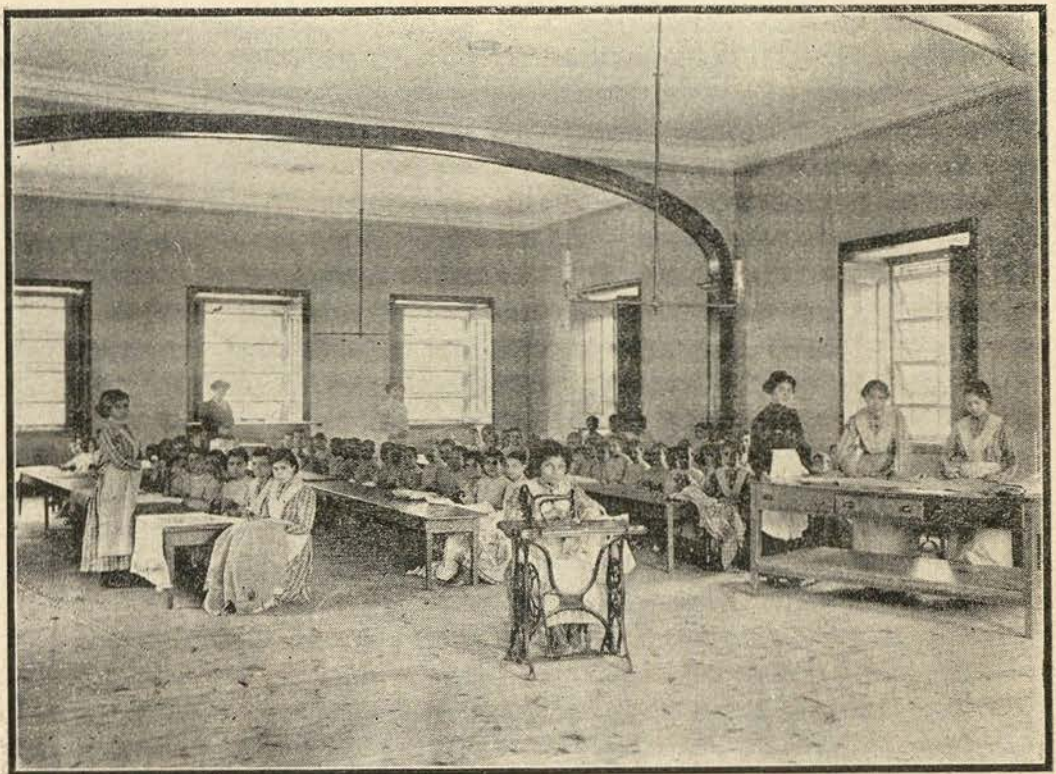
Apenas para os serviços exteriores e para tratar da quinta há um hortelão antigo que vive numa dependência externa da casa.

Nem sempre, porém, foi este o sistema de educação seguido naquele asilo.

Até 1888 havia ali serviçais para cozinhar, lavar, engomar, cortar o cabelo e tratar das crianças doentes, etc. Mas nesse ano, tendo saído a antiga regente, foi escolhida para esse cargo a Sr.^a D. Gertrudes Duarte, que desde 1881 ocupava o lugar de professora. É a esta senhora, que há vinte e cinco anos está dirigindo a vida interna do estabelecimento, que principalmente se deve a remodelação completa produzida na educação doméstica das alunas. Porque, conhe-

cendo praticamente, desde anos, os defeitos de que enfermava, aproveitando a saída das empregadas que sucessivamente se iam retirando, de acôrdo com o conselho director que aprovou e aplaudiu as suas ideas, foi iniciando as alunas nos serviços que aquelas anteriormente exerciam. E como conhecia desde professora as aptidões e forças de cada uma foi ao princípio entregando os serviços às que os podiam desempenhar mais fácilmente, até que pôde estabelecer definitivamente a escala em que todas deviam entrar neles, de modo que hoje todas tem a prática dos serviços domésticos conforme o permite e recomenda a sua idade e grau de instrução.

As alunas entram neste asilo entre os sete e os dez anos e saem dêle entre os dezasseis e os dezóito.



Uma aula de costura

A instrução literária que ali recebem é a primária, segundo os graus e programas que o Estado estabelece nas suas escolas officiais, às quais vão fazer os respectivos exames nas épocas determinadas. Pelos relatórios que o conselho director publica anualmente, muito completos e minuciosos, vê-se que o resultado dêsses exames são excellentes. Assim no *Relatório* do último ano (1911-1912) lê-se a p. 4, que a exame do 1.º grau foram 14 alunas, obtendo 8 a classificação de *distintas* e 6 a de *bem*, e a exame do 2.º grau foram 10 alunas, obtendo a classificação de *distintas* 4 e a de *bem* 6, cujos nomes e classificações se encontram especificadamente no mapa da p. 29.

Depois de feito o exame do 2.º grau (aos onze ou doze anos de idade) é que principalmente se applicam aos trabalhos mais pesados de

cozinha e aos mais perfeitos dos bordados e das máquinas de coser e escrever. O asilo tem também subsidiado algumas alunas para seguirem o curso da escola normal primária.

Os lucros que a casa auferê com os bordados são distribuídos pelas alunas que os executaram e inscritos na caderneta de cada uma, onde também se inscrevem as quantias que o conselho director lhes dá em certas épocas, como lembrança do seu aproveitamento moral, literário e doméstico. As que trabalham na cozinha são também compensadas semanalmente com uma pequena verba.

Com estas verbas acumuladas, visto que nada tem de gastar consigo, e com o dote que o asilo lhes dá à saída, segundo o artigo 4.º, as alunas ficam aptas a entrar na vida com certo desafôgo. Para o provar basta citar êste caso sucedido últimamente. Uma aluna cuja



Outra aula de costura

mãe, uma pobre engomadeira, vivia numa casa pouco higiênica, ao sair do asilo aproveitou as quantias juntas para alugar casa melhor onde mãe e filha ganham hoje a vida honradamente, aquela engomando e esta bordando, officio que lá aprendera proficientemente.

A direcção não deixa sair as alunas sem que tenham já colocação assegurada ou em casa de família, ou em outras que lhes procura antecipadamente, como se pode observar nos relatórios anuais (Vid. p. 37 no *Relatório* do último ano). E ainda depois de saídas continua olhando por elas dando gratificações pecuniárias às que, durante os primeiros três, quatro e cinco anos, se conservam na mesma casa, conforme o artigo 31.º do regulamento, cujos nomes vem igualmente inscritos nos relatórios (Vid. p. 38 no do último ano).

O conselho director, no que respeita à questão económica e educativa, tem sempre depositado a máxima confiança na actual regente, que há vinte e cinco anos a tem sabido merecer e honrar, aproveitando-a para comprar o necessário para a casa nas melhores e mais económicas condições, o que redundava em benefício do asilo, como se observa pelos relatórios. Pelo último reconhece-se que a alimentação de cada aluna ficou diariamente por 105,862 em média ou aproximadamente 38,5000 réis por ano, o que é baratíssimo, sobretudo se atendermos que a alimentação é abundante e sólida, o aspecto das crianças sadio e o estado sanitário da população da casa é tal que o próprio médico no relatório clínico do último ano (p. 7) confessa que, durante um semestre, a sua intervenção foi desnecessária, e no outro



As alunas trabalhando na cozinha

apenas quatro alunas a necessitaram em pequenos incómodos, servindo as alunas mais adiantadas de enfermeiras, habilitando-se assim gradualmente nesse mester, e uma delas, Cristina Ferreira, de dezassete anos, é apontada no último relatório (p. 32) como *boa e dedicada enfermeira*, conferindo-se-lhe por isso, como lembrança, um corte de vestido preto.

O número actual das alunas do asilo é de 194, o maior que até agora tem havido, sendo algumas delas (9) porcionistas pagando a mensalidade de 8\$000 réis, mas sendo tratadas e educadas nos trabalhos domésticos como as outras.

A história d'este asilo é muito interessante e convêm dizer duas palavras a este respeito.

Foi inaugurado em Outubro de 1857, tendo sido mandado construir por uma comissão de negociantes de Lisboa em honra de D. Pedro V, que então ocupava o trono e se tornara muito simpático ao povo por visitar com muito carinho e subsidiar os doentes pobres atacados pela cólera-mórbus que em 1856 invadiu Lisboa.

Ao princípio o asilo, além de admitir meninas internas, poucas, ministrava instrução e alimentação a crianças pobres de ambos os sexos da localidade, pois não havia ali escola oficial para o sexo feminino, e a do masculino era muito reduzida. Em 1867 e 1868 ampliou-se muito a casa, e o conselho director obteve que se criasse uma escola oficial para o sexo feminino no Campo Grande e começou a dar algum subsídio para sustento das duas escolas ofi-



Lavando roupa

ciais, masculina e feminina, acabando então com o externato no asilo e aumentando o número de alunas internas que no ano de 1868 já foram 32.

Em 1882 construiu-se um novo dormitório e as alunas nesse ano já eram 59, e o seu número tem ido aumentando até o momento actual em que são 104, conforme o desenvolvimento financeiro da casa o tem permitido.

O asilo vive de inscrições e outros papéis de crédito com que foi dotado pelos fundadores e com que tem sido contemplado por vários beneméritos e também de cotas anuais com que contribuem alguns subscritores.

Estes subscritores formam a assemblea geral, que se reúne anualmente, para apreciar o relatório do conselho director, o qual é eleito

nessas reuniões pelos subscritores e de entre êles, e é composto de sete membros; um dêles, o Sr. Pereira de Miranda, tem seguidamente sido eleito para êsse conselho desde 1880 onde hoje ocupa o lugar de tesoureiro, devendo-se-lhe a êle e aos seus colegas na direcção grande reconhecimento pelo grande beneficio que tem feito a tantas crianças desvalidas e pelo bom exemplo que vem dando para a administração de casas desta ordem.

A Liga Nacional de Instrução, julgando muito digno de ser imitado o modo como se procede nesta casa na prática da educação doméstica, que é o mais consentâneo com as condições das meninas pobres e órfãs que costumam ser admitidas nos asilos desta espécie, resolveu elaborar êste relatório para o apresentar, vertido em fran-



Engomados e corte de cabelo

cês, no Congresso sôbre educação doméstica, que se há-de celebrar em Gand em Julho de 1913, fazendo-o acompanhar duma colecção de nove fotografias ali tiradas no corrente mês nos diversos locais onde as alunas se exercitam nos serviços domésticos. E resolveu mais, para propagar a prática do ensino doméstico nos asilos e noutras casas onde se educam meninas, mandar reproduzir em bilhetes postais essas fotografias, que serão convenientemente distribuídos e postos à venda, por entender que a fotografia é um elemento educativo muito convincente e claro.

Lisboa, Abril de 1913. — O Relator, *Manuel Borges Grainha*, Secretário Geral da Liga Nacional de Instrução.

Necessidade de iniciar nas obras sociais as alunas adultas das escolas de ensino doméstico

Em Portugal a «necessidade de se iniciarem nas obras sociais os alunos das escolas» é muito imperiosa, por causa das modificações que se tem operado na família portuguesa depois da implantação da República.

A revolução de 1910, destruindo as velhas instituições monárquicas que se tinham tornado incompatíveis com o espírito democrático da nação, fez derruir o arruinado edificio social, fundado sobre o privilégio, a ignorância e a superstição religiosa, para o reconstruir sobre o direito, a instrução e a liberdade de consciência.

As leis decretadas pelo Governo da República tem tido, quasi todas, esse fim reconstrutivo, porém, a mais importante foi a que separou a igreja do Estado e tirou à Escola o ensino religioso.

Os professores liberais, reconhecendo que os seus alunos não podiam viver sem um ideal que lhes alimentasse o espirito, substituíram o ideal religioso, estéril e egoísta, pelo ideal social, fecundo e altruista.

Iniciaram o trabalho com todo o entusiasmo e a obra de reconstrução social começada nos Ministérios, logo que se extinguiram os ecos dos últimos tiros da revolução, tem continuado nas escolas dos dois sexos, criadas pelo Estado ou por associações republicanas com o fim de espalharem ideas novas e satisfazer a ansia de instrução que, por toda a parte, se manifesta.

As questões sociais tem sido estudadas com interêsse, e os alunos das escolas tem recebido a educação social por meio de conferências e leituras apropriadas. Para conhecerem praticamente os beneficios da solidariedade, tem sido iniciados no funcionamento de caixas económicas, cantinas e associações escolares destinadas a vários fins.

As escolas de ensino especial e secundário tem usado o mesmo sistema de educação social prática.

De entre todas merece especial menção a Escola Oficina n.º 1 que pode ser considerada como um modelo entre nós.

É uma escola de iniciativa particular, mas subsidiada pelo Estado. Destina-se à instrução primária geral e ao ensino profissional e doméstico dos dois sexos.

Os alunos são iniciados nas obras sociais por meio de conversas com os professores, leituras apropriadas, e pela gerência da sua associação denominada: *A Solidária*.

Os fins de *A Solidária* são:

1.º Manter relações de solidariedade entre alunos, ex-alunos e suas famílias.

2.º Dividir entre si o trabalho dos camaradas doentes e fazê-lo gratuitamente.

3.º Dar auxilio moral aos camaradas desanimados.

4.º Ajudar os mais novos, mais fracos ou mais atrasados.

A *Solidária* promove festas escolares de educação e instrução, excursões artísticas e científicas, visitas recíprocas a escolas, festas de confraternidade, etc.

A associação compõe-se de sócios ordinários e aderentes.

Os primeiros são os alunos da escola que pagam uma cota mensal de \$05, conforme a classe do aluno; os segundos são os ex-alunos ou quaiquer outras pessoas que contribuam com uma cota mensal não inferior a \$05.

Só os sócios ordinários tem o direito de eleger e constituir a gerência. Os sócios aderentes participam de todos outros direitos.

A gerência é exercida por uma comissão administrativa composta de 6 membros — um de cada grau da escola — eleitos anualmente na assemblea geral ordinária.

A comissão escolhe entre si o secretário geral e o tesoureiro.

Anexa à associação funciona uma cooperativa denominada *lanche escolar*, que tem por fim fornecer aos alunos-sócios uma refeição diária.

As alunas do ensino doméstico, além de tomarem parte na gerência da cooperativa, como na da associação, tem a seu cargo preparar e cozinhar o *lanche escolar*.

*
* *

Nos nossos liceus também já se reconheceu a necessidade de iniciar os alunos nas obras sociais a fim de que as novas gerações possam conscientemente cooperar na organização duma sociedade mais justa e mais perfeita.

O Liceu de Pedro Nunes merece especial menção pela grande obra de educação social que vem realizando, e pelo incremento que a sua associação tem tomado nos últimos dois anos.

A Associação Escolar do Liceu de Pedro Nunes tem actualmente cêrca de 500 sócios efectivos e antigos.

São sócios efectivos os alunos, e antigos os ex-alunos. A sua administração efectiva-se por uma junta de delegados eleitos pelos sócios efectivos tendo por presidente o director do liceu. A junta divide-se em tantas sub-comissões administrativas quantas são as secções e as suas decisões estão sujeitas ao *referendum* dos sócios. Para êste fim é afixada a respectiva nota em cada uma das divisões do liceu, no prazo de 48 horas após a reunião, e os protestos dos sócios são recebidos na secretaria da associação no prazo de três dias.

A associação é representada pela secretaria que tem a seu cargo o expediente.

A cobrança é feita pela tesouraria por meio de delegados-cobra-

dores e os pagamentos das despesas são feitos pela caixa económica mediante vales da tesouraria.

A Associação tem as seguintes secções autónomas:

a) Excursões, cujo fim é proporcionar aos alunos conhecimentos práticos que não podem adquirir nas aulas, e estreitar entre êles a solidariedade.

b) Desportiva, que tem a seu cargo os jogos, equitação, natação e outros exercícios físicos.

c) Literária e científica, encarregada da direcção da revista *Os Novos*, que é o órgão da associação. Tem dois gabinetes de leitura, promove conferências, etc.

d) Artística, que promove as festas do liceu e tem a seu cargo as aulas de canto coral, música, dança e declamação.

e) A caixa económica, em que é depositado o dinheiro da associação, e onde os alunos podem depositar as suas economias.

f) A cooperativa, que vende pelo mais baixo preço os artigos escolares, e vai fundar uma cantina.

g) Trabalhos manuais e jardinagem, tem a seu cargo as aulas de trabalhos manuais, e os trabalhos de jardinagem executados pelos alunos, nos jardins anexos à escola.

Todas as secções estão muito bem instaladas.

O valor educativo desta associação facilmente pode ser constatado pela leitura dos bem elaborados relatórios apresentados no fim do passado ano lectivo pelas direcções das secções, da tesouraria e da secretaria.

O entusiasmo que em todos se revela pelos progressos da associação é encantador e enche de consoladoras esperanças os portugueses que desejam ver a sua Pátria progredir em todas as manifestações de actividade social sob os seus aspectos intellectuais, artísticos, morais, económicos e políticos.

Por esta simples exposição podem os ilustres congressistas avaliar como em Portugal se reconhece a absoluta «necessidade de iniciar nas obras sociais os alunos», não só das escolas de ensino doméstico mas de todas as escolas de ensino primário, especial e secundário do país.

Lisboa, 23 de Maio de 1913.—*Ana Calixto*, Directora do Colégio Fraternal.

4.º Congresso Pedagógico

Concurso de canções escolares

Por ocasião do último congresso pedagógico realizou a Liga um concurso de canções escolares.

Como esta tentativa foi coroada de êxito, e essas canções vão brevemente ser postas à venda em volume especial, parece-nos interessante a publicação do programa desse concurso e da acta lavrada pelo júri que apreciou essas canções.

Programa do concurso de canções escolares aberto pela Liga Nacional de Instrução

1.ª As canções serão distribuídas por grupos em harmonia com a idade e desenvolvimento psicológico dos escolares e estudantes da maneira seguinte:

a) As canções para crianças na segunda infância, isto é, dos quatro aos sete anos para os rapazes e dos três a quatro aos seis a sete para meninas, devem ter um fundo poético muito simples, quer na forma estrófica, quer no vocabulário utilizado, ocupando-se de objectos e animais que mais em contacto estão com as crianças, nomes de pessoas e pequenas lições de cousas. O ritmo deve ser largo e fácil, extensão de sexta maior, melodias de tonalidades alegres, na generalidade, modelações fáceis, cantos a uma voz e figuras de colcheias em compassos simples e alguns compostos. Estas canções podem ser mimadas ou dançadas em roda;

b) As canções para crianças na terceira infância, dos sete aos doze entre os rapazes e dos seis a sete aos onze para meninas, devem ter como objecto alguns fenómenos naturais, como: o dia, a noite, o sol, a lua, as estrélas, estações do ano, o campo, o mar, lendas e tradições sôbre alguns homens e factos da história nacional. A música poderá ter ritmo mais apressado, extensão máxima duma oitava e cantos para uma voz;

c) As canções para adolescentes, dos doze aos catorze anos nos rapazes e dos onze aos treze para meninas, podem ser constituídas por pequenas composições poéticas e musicais, contendo já algumas expressões abstractas de uso mais corrente, como: a caridade, a justiça, a fraternidade, a lialdade, a liberdade, podendo também tomar como assuntos as virtudes cívicas e morais exemplificadas na história ou na vida diária, além de quaisquer outros que constituam objecto dos programas liceais até a 4.ª classe. A música deve ter a extensão máxima duma oitava ou nona, podendo já ser para duas vozes;

d) As canções para adolescentes, dos quinze aos vinte nos rapazes e dos catorze aos dezanove nas meninas, devem ser já mais complexas, quer nas formas estróficas, quer na composição musical. Mas o assunto ainda será graduado em harmonia com o desenvolvimento intelectual e grau de cultura dos estudantes. A música deve ser constituída por melodias para duas ou mais vozes, com ritmos mais desenvolvidos e já de modulações variadas.

2.^a É deixada aos compositores absoluta liberdade quanto à escolha de poesias, que poderão ser inéditas ou publicadas, modernas ou dos nossos cancioneiros históricos e poetas portugueses dos séculos XVI ao XIX;

3.^a Haverá quatro prémios pecuniários do valor de 30\$ cada um e um de 20\$, além de menções honrosas;

4.^a As canções premiadas ficam propriedade da Liga Nacional de Instrução, bem como os direitos da propriedade artística que sobre elas recaiam;

5.^a Os autores das canções conservar-se hão sob incógnito rigoroso até ao resultado do concurso, para o que as canções figurarão sob divisas ou legendas, a cada uma das quais corresponderá um sobrescrito fechado e lacrado contendo o nome dos autores, que só serão abertos depois dos prémios conferidos;

6.^a Todos os demais esclarecimentos serão fornecidos pelo secretário geral e organizador do 4.^o Congresso Pedagógico, o professor Sr. António Ferrão, Sociedade de Geografia.

Acta lavrada pelo júri que apreciou as canções escolares

Pelas quinze horas do dia 25 de Abril de 1914, reuniram-se os abaixo assinados no estabelecimento de músicas dos Srs. Neuparth e Carneiro, Rua Nova do Almada, n.^o 97, a fim de se proceder à abertura dos sobrescritos contendo os nomes dos autores e das canções escolares premiadas pecuniariamente e com menções honrosas, em harmonia com a condição 5.^a do programa do concurso de canções escolares, aberto pela Liga Nacional de Instrução.

Haviam sido convocados, além dos sob-assinados, os membros do júri que não puderam comparecer: Coronel Marques Leitão, Presidente da Liga Nacional de Instrução; General Ferreira de Castro, Presidente da Associação Fraternidade Militar e Vice-Presidente do júri dêste concurso, bem como os vogais Dr. João de Barros, Manuel de Sousa Pinto, Sá e Oliveira, Júlio Neuparth e Júlio Cardona.

Não foram convocados, por se encontrarem fora de Lisboa, o maestro David de Sousa e Dr. Joaquim Manso, Governador Civil de Vila Rial.

Antes de se iniciarem os trabalhos, foi apresentada pelos vogais do júri, os Srs. Júlio Neuparth, Augusto Machado e Júlio Cardona, a seguinte questão prévia: Que tendo sido classificadas igualmente duas canções de maneira a merecerem o mesmo prémio e competindo a essas o segundo prémio pecuniário, que, nos termos da condição

3.^a do programa do concurso era apenas um, propunham que esse prémio, que é de 20\$, fôsse desdobrado, competindo assim a cada uma das canções premiadas a quantia de 10\$. Assim ficou resolvido por unanimidade.

Foi resolvido não enumerar as canções que não foram premiadas, devendo estas, em harmonia com as condições do concurso, ser entregues, mediante recibo, a quem provar pertencer-lhes.

A canção intitulada *Oh papão vai-te embora*, não foi admitida ao concurso por não vir acompanhada de letra.

Com as formalidades do estilo foram abertos os sobrescritos contendo os nomes dos autores das canções premiadas, que são como segue:

Primeiro prémio pecuniário

<i>O Cisne</i>	Costa Pereira.
<i>As Cerejeiras</i>	Tomás Borba.
<i>As Amendoeiras</i>	Filipe da Silva.
<i>Cavador</i>	Silveira Pais.

Segundo prémio pecuniário

<i>Canto do Grilo</i>	Herminio Nascimento.
<i>No Mar</i>	» » »

Primeira menção honrosa

<i>Ahée (Saúdação à água)</i>	Silveira Pais.
<i>Quero ser militar!</i>	Tomás Borba.
<i>O Trevo</i>	» »
<i>Preguiça</i>	» »
<i>Elogio da Chuva</i>	» »
<i>Vida Campestre</i>	» »
<i>Alvorada no Campo</i>	» »
<i>As duas mães</i>	» »
<i>João de Deus (A. B. C.)</i>	» »
<i>A criança e a flor</i>	» »
<i>As férias</i>	» »
<i>Canção do lavrador</i>	Costa Pereira.
<i>A desgraçada da cotovia</i>	» »
<i>O sair da escola</i>	Herminio Nascimento.
<i>A instrução</i>	Filipe da Silva.
<i>Moinho</i>	Silveira Pais.
<i>Partida dos pastores</i>	» »
<i>Os gatinhos</i>	Dr. Pereira Carvalho.
<i>Entardecer</i>	» » »
<i>Voar! Voar!</i>	» » »

Segunda menção honrosa

<i>As Amendoeiras</i>	Tomás Borba.
<i>Quimeras</i>	» »

<i>Canção da Fraternidade</i>	Tomás Borba.
<i>Para a Escola</i>	» »
<i>No Prado</i>	» »
<i>As quatro estações</i>	» »
<i>Hino ao sol</i>	» »
<i>O jardim da infância</i>	» »
<i>Floração da árvore</i>	» »
<i>A vida</i>	» »
<i>A instrução</i>	» »
<i>A galinha e os pintainhos</i>	» »
<i>Bem haja o teu calor, oh! sol</i>	» »
<i>A verdadeira riqueza</i>	» »
<i>O passarinho solto</i>	» »
<i>Rataplan!</i>	» »
<i>O amor da Pátria</i>	» »
<i>Endeixas do Mondego</i>	» »
<i>O fozinho da fonte</i>	» »
<i>Bem dita sejas, árvore bondosa</i>	» »
<i>O Recreio</i>	» »
<i>Cada qual com seu igual</i>	» »
<i>Alfazema e rosmaninho</i>	Herminio Nascimento.
<i>A formiga</i>	» »
<i>O batalhão</i>	» »
<i>O lagarto e a cobra</i>	» »
<i>O vagalume</i>	Silveira Pais.
<i>Às armas</i>	» »
<i>Pescanço</i>	» »
<i>Benção</i>	Costa Pereira.
<i>União</i>	» »
<i>Naquele tempo</i>	» »
<i>Pela Pátria</i>	» »
<i>Toada da vida</i>	Raúl de Campos.
<i>Os trabalhadores</i>	Filipe da Silva.
<i>As amendoeiras</i>	Herminio Nascimento.
<i>Rosa desfolhada</i>	J. Casimiro Carvalho.
<i>O Sol</i>	Pereira Carvalho.
<i>Trilogia</i>	» »
<i>A boneca adormece</i>	D. Maria de Azevedo.
<i>O Canário</i>	» » » »
<i>O Cavalinho de pau</i>	» » » »
<i>Os gatinhos</i>	» » » »
<i>Os passarinhos</i>	» » » »
<i>Castilho</i>	» » » »

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, de que se lavrou esta acta, sendo assinada pelos vogais presentes. — *Augusto Machado* — *Júlio Neuparth* — *Vergílio Simões* — *António Ferrão*.

Beneméritos da instrução, proclamados no 4.º Congresso

Marquês de Jácome Correia, presidente da Liga de Instrução Micaelense, que despende anualmente 1.300\$ com essa Liga e êste ano fundou uma escola de rendas de Peniche para que muitas mulheres possam, por êste meio, angariar recursos de subsistência na ilha, deixando de emigrar para os Estados Unidos

João José de Oliveira Lopes, de Valega, concelho de Ovar, que ofereceu um excelente edificio escolar ao Estado e dotou a escola móvel, criada naquela freguesia, com todo o material indispensável para o seu funcionamento.

D. Maria do Carmo Amorim, que fundou uma escola, principiada, na sua freguesia, no concelho dos Arcos.

António da Costa, que fundou uma escola popular de comércio em Vila Nova de Oliveirinha.

O Núcleo da Liga Nacional de Instrução em Santarém, que fundou e mantêm uma cantina escolar para crianças pobres que frequentam as escolas da cidade.

O Núcleo da Liga Nacional de Instrução na Covilhã, que fundou e mantêm uma cantina escolar para crianças pobres da escola central da cidade.

A Associação de Beneficência do Beato e Olivais, que fundou e mantêm uma cantina escolar para as crianças pobres das escolas officiais instaladas na Vila Zenha, ao Beato.

A Associação de Instrução às Classes Trabalhadoras, com sede na Rua das Trinas, 65-B, composta de rapazes dos cursos superiores, que, gratuita, dedicada e carinhosamente, ensinam aos trabalhadores instrução primária e elementos de instrução comercial e industrial.

Núcleo «Lux», com sede na Rua Saraiva de Carvalho, que subministra instrução gratuita às classes trabalhadoras.

D. Gertrudes Duarte, que, como regente do Asilo de D. Pedro V, do Campo Grande, há muitos anos introduziu o ensino doméstico naquele estabelecimento, de modo que nele não há nenhuma criada, sendo todos os serviços da casa executados pelas alunas, o que é de grande economia para a casa e ainda de maior conveniência futura para as alunas.

Tomás da Fonseca, director da Escola Normal Primária de Lisboa, que naquela escola primária introduziu o ensino prático da culinária, iniciou um museu pedagógico, começando pelo método de leitura.

Dr. Aurélio da Costa Ferreira, que se tem esforçado, com óptimos resultados, em dar ao ensino na Casa Pia a feição própria de asilos daquela espécie para rapazes pobres, sendo secundado com dedicação pelos professores, de entre os quais se destacam Paliar Pinto Ferreira, Simões Raposo e Nazaré.

O pessoal docente do Instituto de Educação e Trabalho, em Odivelas, que tem desenvolvido naquela casa o ensino doméstico e comercial, que muito útil poderá ser no futuro à vida das alunas do estabelecimento.

O Sindicato do Professorado Primário de Portugal, que manteve um curso de férias para o ensino dos trabalhos manuais aos professores e promoveu últimamente um congresso pedagógico no Pôrto, de que há a esperar as melhores conseqüências.

Os professores da escola oficial masculina n.º 35, em S. Sebastião da Pedreira, Vergílio Santos, D. Herminia Filipa, D. Amélia Viegas, D. Elvira Mendes, João de Deus Lima e D. Maria de Jesus Oliveira, que gratuita e desinteressadamente tem ensinado os trabalhos manuais aos seus alunos, com notável êxito e fora das obrigações escolares.

Os professores da escola oficial masculina n.º 37, da Paróquia Civil Camões, Pedro Teixeira e Pires Marques e as professoras da Escola feminina n.º 38 da mesma paróquia D. Estefânia Fernandes e D. Maria Eufémia da Costa, que gratuita e carinhosamente tem ensinado os trabalhos manuais e o canto coral aos seus alunos, tendo já dado provas públicas do mais brilhante êxito.

Raúl Dória, que no Pôrto fundou uma escola comercial, tam bem montada e dirigida, que tem atraído as atenções de todos os que em Portugal se dedicam a êste ramo de instrução.

O *Século Agrícola*, que, com enorme trabalho e dedicação, tem procurado, com grande êxito tornar nacional a Festa da Árvore e tem desenvolvido larga propaganda das questões agrícolas, tam necessária ao país.

Dr. Faria de Vasconcelos, um portuguez que na Bélgica fundou uma escola nova, em pleno campo, muito conceituada e frequentada por jovens de várias nações.

Cantina Escolar de Estremoz, que presta grandes serviços às crianças pobres daquela vila, dando-lhes alimentação, vestuário e calçado.

Recreatórios Post-Ecolares de Lisboa.

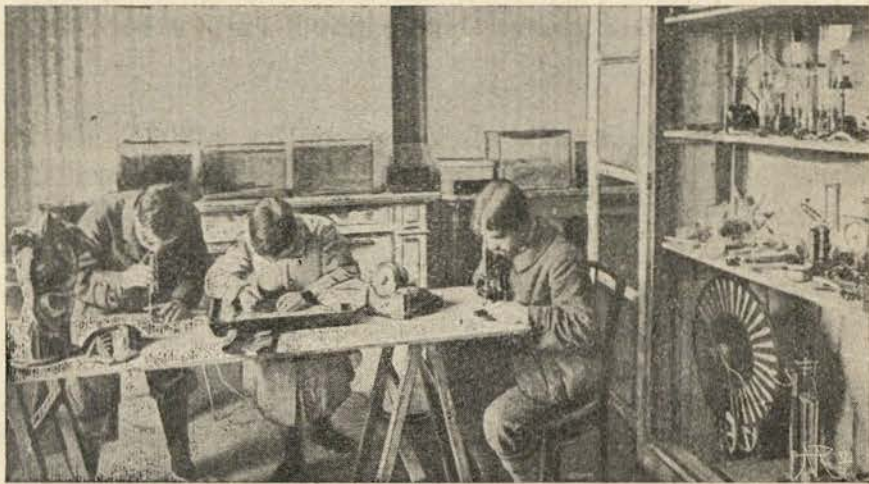
Universidade Livre, onde se tem dado vários cursos, largamente frequentados pelo povo de Lisboa.

A obra dum português no estrangeiro

École Nouvelle à la Campagne de Bièrges-les-Wavre (Belgique)

No mundo dos educadores o problema do internato tem sido debatido com alma nestes últimos tempos, e, passando-se do campo das teorias para a prática, há dez anos a esta parte, já se tem fundado em diferentes países inúmeras escolas com uma orientação *sui generis* e que estão produzindo os melhores resultados. Refiro-me às chamadas *escolas novas no campo*, estabelecidas em Inglaterra, França, Suíça, Alemanha, Áustria, Dinamarca e Estados Unidos.

Embora possa parecer extemporâneo abeirar estes assuntos de paz e amor num período como o actual, de suspensão na actividade progressiva, neste verdadeiro parêntesis da civilização, não é descabido que estudemos, mesmo quando se destrói e odeia, os melhores meios de edificar sociedades mais perfeitas, produtoras e amáveis.



No estudo

Em Portugal, as *escolas novas*, como tantos outros processos modernos de educação racional e internacionalista (como o intercâmbio de crianças, arte na escola, etc.), mal são conhecidos ou por um reduzido número de pessoas.

É, portanto, grato ver que é a tenacidade e competência dum português que estabelece a primeira *escola nova* num país tam adiantado como essa Bélgica hoje, pelo seu martírio, na mente e no coração de todos.

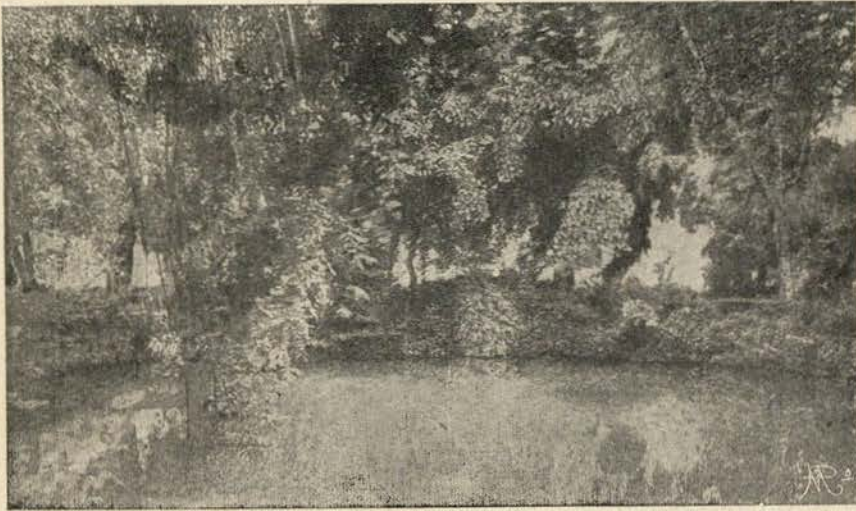
Em Setembro de 1913 foi-me dado visitar a *Escola Nova de Bièrges*, do Dr. Faria de Vasconcelos.

Reportando-me a apontamentos que então tomei e, até certo ponto, para fundamentar a proposta que no último congresso pedagógico apresentei, de proclamar o Dr. Vasconcelos benemérito da ins-

trução, pelo exemplo que deu aos educadores do seu país, que no 1.º número dos *Arquivos da Liga* quero deixar registadas algumas palavras sobre *escolas novas*, citando a de Bièrges, cuja sorte neste momento ignoro, pois consta-me que nos seus arredores sérios combates se travaram.

As características principais da *escola nova* são as seguintes:

Situação no campo; vida em pavilhões com os professores e suas famílias, trabalhos manuais de toda a espécie, oficinas agrícolas, etc. Vida higiénica e natural, quanto possível ao ar livre, ensino integral e prático de todos os conhecimentos e relações íntimas com as escolas congêneres do estrangeiro. Estada temporária de grupos de professores e alunos à beiramar, nas montanhas ou no estrangeiro. Põe as crianças todos os dias em contacto com os problemas da vida real. Procura formar o carácter e personalidade, desenvolver a tenaci-



O lago

dade, o espírito prático e uma sociabilidade perfeita. A *escola nova* procura sempre ser a imagem da vida social, encarada com alegria e entusiasmo.

A *escola nova* nunca se pode assemelhar a uma caserna ou a um convento, não há toques de clarim ou sineta, nem formaturas, nem terrores, nem partidinhas de escolares endiabrados. É uma família harmónica e alegre brincando e aprendendo numa deliciosa atmosfera de simplicidade, natureza, respeito e amor.

Numa *escola nova* tudo é calma, entusiasmo, beleza, produção e vida, e por isso a visita a uma dessas escolas é, para quem saiba sentir, um reconfortante banho moral e de beleza humana.

Faria de Vasconcelos possuiu-se, pelo estudo, dos princípios duma tal educação e procurou realizar em Bièrges integralmente o seu programa.

A *Escola Nova de Bièrges* está também em pleno campo, numa pequena colina, dominando o vale do ribeiro Dyle, a dois minutos da linha férrea que liga com Bruxelas, onde se está em menos duma hora.

Compõe-se a escola de vários edificios, pitorescamente emergindo dum denso arvoredo, entremeado de culturas bem cuidadas, que na maior parte estão a cargo dos alunos. Tem água nativa e um belo tanque que é utilizado para a natação: é um parque delicioso, com as suas sombras, arruamentos, jardins e hortas.

A par da cultura física e intelectual, merece especial atenção ao pessoal da *Escola de Bièrges* a educação moral das crianças.

Procura-se dar às crianças uma preparação adequada à actual vida social. Dão-se-lhes elementos para vencer, desenvolvendo e cultivando neles os sentimentos de responsabilidade e iniciativa, confiança em si, independência, coragem, vontade, tenacidade e entusiasmo pelo trabalho, criando assim na criança uma verdadeira *individualidade* e uma grande *sociabilidade*.



Modelação

Ali é posta de parte toda a disciplina autoritária que imponha à criança hábitos morais cuja razão ou fim ela não compreenda, adoptando-se o principio de que a educação dos sentimentos sociais não é possível senão pela prática duma vida social bem compreendida. Faz-se também uma larga prática da iniciativa e da liberdade (responsabilidade), mas dentro dos limites naturais e não artificiais, empregando, de preferência, a persuasão amigável e afectuosa para lhes fazer compreender a falta cometida. Admite-se ali o principio de que a sociabilidade e a individualidade se não excluem, mas, pelo contrario se completam, de modo que, ao mesmo tempo que se provoca nas crianças um forte sentimento da sua personalidade, se lhes desenvolvem também sentimentos de sociabilidade, preciosíssimos não só na escola como na vida. É, pois, para a educação destes sentimentos que nesta escola se faz uma constante prática da vida social judiciosamente preparada.

Os princípios das *escolas novas*, sendo os mesmos em todas elas, tem, no entanto, a sua realização em Bièrges, já acrescida pelas experiências e resultados das suas predecessoras e congéneres. Exerce-se ali a vida familiar em larga escala; professores e alunos vivem juntos, tomam juntos as refeições e uma parte activa em todos os trabalhos e recreios.

Além dos sentimentos do bem e da verdade, não se esquece em Bièrges a arte.

A situação poética da escola, o seu interior, verdadeiro *home* simples e confortável, junto com o ensino e prática livre da pintura, desenho, trabalhos artísticos, música e visitas exteriores a exposições e museus, tudo concorre para uma educação estética e racional dos pequenos estudantes.

A vida da lavoura é activa e verdadeira. Os pequenos lavradores adquirindo, amanhando e negociando, pelo seu esforço, terrenos, ga-



Oficina de carpintaria

dos e criação, etc., aprendem todo o jôgo da vida actual económica, abeirando até, com êsses elementos, pequenas questões judiciais, que com a propriedade se levantam.

Contaram-me ali que havia poucos dias um grupo de alunos fôra propositadamente (e muito a sério) consultar sôbre o assunto um distinto advogado de Bruxelas (préviamente, é claro, combinado com o Dr. Vasconcelos). O advogado fez pagar a consulta e os rapazes regressaram todos graves à escola, verdadeiramente possuídos do seu papel de homens e proprietários.

Dr. Faria de Vasconcelos desde muito que se dedicou aos modernos estudos de psicologia, ocupando já há anos um lugar de destaque como professor da Universidade Nova de Bruxelas. Tem publicado vários livros sôbre a especialidade, sendo até bem conhecidas no nosso meio as suas «lições de pedologia», série de conferências que o autor fez na nossa Sociedade de Geografia quando da sua visita a Portugal em 1909.

Depois de conhecer bem o meio belga, o Dr. Vasconcelos lançou a idea da *escola nova*, que foi bem recebida, pertencendo últimamente ao seu *comité de protecção* todas as sumidades belgas em assuntos de educação. E, pelo que vi e pelo conceito em que soube estar no meio escolar belga, não tive dúvidas sôbre os seus progressos e futuro, e só sinto que não esteja ainda estabelecida nenhuma escola semelhante em Portugal.



Oficina de serralharia

Uma *escola nova*, porém, não pode ser fundada só com fim commercial, como em geral se fundam em Portugal os colégios (essas verdadeiras fábricas de exames e deformação moral e fisica) a que às vezes, com a facilidade com que mentimos até a nós mesmos, se põem os rótulos ou a exterioridade de modernos. Na *escola nova* é preciso sentir-se e não imitar só aspectos para deslumbrar os superficiais. É preciso pôr a alma em tudo quanto se faz, eis a sua dificuldade.

A. Lemos.

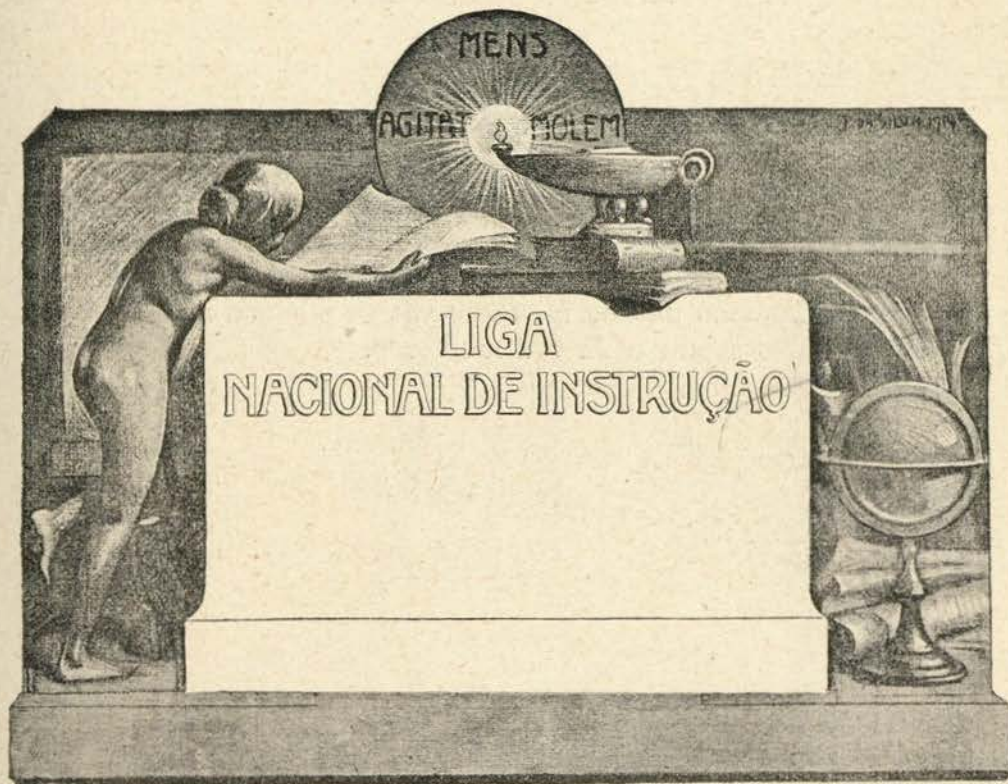
O novo diploma de benemérito da Instrução

Por ocasião dos congressos pedagógicos que a Liga tem promovido são sempre proclamados os cidadãos ou colectividades cujos trabalhos em prol da instrução sejam notórios e tenham concorrido para a difusão do ensino, melhor dotação de escolas, sua criação, etc.

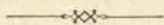
A brevidade, porém, com que os serviços tinham de ser feitos, obrigaram a distribuir diplomas em simples composição tipográfica,

e, portanto, pela sua simplicidade e falta de feição artistica pouco em harmonia com a alta significação que lhe attribuimos.

Tentando, pois, reparar esta falta, a direcção da Liga entregou a confecção do desenho dum novo diploma ao distinto artista João da



Silva, professor da Escola Marquês de Pombal, que, com a proficiência que todos lhe conhecem, e generosamente se desempenhou da incumbência, dando-nos o trabalho cuja reprodução aqui apresentamos aos leitores com o agradecimento da Direcção.



Cursos subsidiados pela Liga

A Liga Nacional de Instrução resolveu em sessão de 27 de Novembro de 1914, a título de experiência e dentro dos limites dos seus recursos, estabelecer ou subsidiar cursos de aperfeiçoamento nas associações que já mantivessem escolas de primeiras letras e que os solicitassem.

De acôrdo com a Liga Popular Contra o Analfabetismo e com as respectivas direcções, mantêm a Liga actualmente quatro cursos: No Centro Republicano de Campo de Ourique; no Centro Operário, da Rua do Bemformoso; no Centro Miguel Bombarda (a S. Bento) e

Centro Alexandre Braga (Escolas Gerais). Estes cursos funcionam todos os dias, excepto sábado e domingo, das 20 às 22 horas.

Nestas mesmas escolas propôs-se também a Liga promover lições ou palestras educativas com projecções luminosas, à medida que a variedade e número dos *clichés* o vá permitindo.

Neste sentido já foram realizadas as seguintes palestras: pelo Dr. Aníbal de Magalhães, no Centro Miguel Bombarda, sobre alimentação, e no Núcleo de Instrução «*Lux*», sobre *Higiene*, e pelo Sr. Álvaro Lemos, sobre *Moçambique*, no Centro Operário do Bem-formoso, e sobre *História pátria* no Centro Republicano de Campo de Ourique.

A frequência e aproveitamento destes cursos tem sido satisfatórios, como se depreende dos presentes mapas, pelo que a Liga se congratula com as respectivas direcções e professores que tão bem se tem desempenhado da sua missão e não se poupam a esforços para que os resultados sejam cada vez melhores.

MAPAS

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola da Federação Operária

Número de ordem	Nome	Idade
1	Vítor Rafael Cardoso	29
2	Vergílio de Matos	14
3	Rosalina Costa	35
4	Rosária de Oliveira	18
5	América dos Santos	13
6	Vítor Garcia	21
7	Miguel Artur Gama	16
8	Tomás Marques	16
9	Vergílio José Ramires	15
10	José Maria Antunes Dias	24
11	Valentim Rodrigues	22
12	Benjamin da Costa Figueiredo	20
13	Carlos Alberto Nunes	18
14	Júlio Rufino da Silva	14
15	Ana Virgínia da Silva	26
16	Maria Joaquina de Almeida	30
17	Zulmira Vila Nova	16
18	António Ferreira Henriques	34
19	José da Conceição	12
20	Manuel Miranda	12
21	António da Conceição	21
22	Adelino da Costa	14
23	José Augusto de Andrade	14
24	Eliseu Alves Marinhos	11
25	José Marques	14
26	Joaquim Paradela	46
27	Luis Pereira Teixeira	14
28	Adelino Carvalho Quintela	17
29	Maria dos Santos Rodrigues	15
30	António Inácio Rodrigues	11
31	Judit Castanheira de Moura	12
32	Virgínia da Silva	26
33	Vitorino Manuel da Fonseca	28
34	António Correia	16
35	Adelino Patrício Júnior	15
36	Casimiro Bento	24
37	Vítor Tavares de Oliveira	18
38	David Caetano de Almeida	25
39	João Monteiro	13
40	José de Almeida	14
41	Lucinda Pinho	12
42	António Tiago	24
43	Perpétua Pinheiro	15
44	Francisco Alves da Costa	15
45	Joaquim Igreja Pereira	11
46	José Parreira	21

DE INSTRUÇÃO

feiçãoamento

Professora, Inês Peres de Figueiredo e Rito

Profissão	Data da matrícula	Janeiro		Fevereiro		Março	
		Dias lectivos 28		Dias lectivos		Dias lectivos	
		Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
Correio	3-10-914	3	14	-	-	-	-
Correio	30-10-914	11	9	-	-	-	-
Engomadeira	2-12-914	9	14	-	-	-	-
Doméstica	8-12-914	15	5	-	-	-	-
Aprendiza de alfaiate	20-12-914	7	10	1	14	10	10
Vendedor ambulante	7-12-914	4	15	-	-	4	14
Marceneiro	15-10-914	5	10	-	-	-	-
Torneiro de metais	15-12-914	5	14	-	-	-	-
Oleiro	15-12-914	6	14	-	-	-	-
Sapateiro	18-1-915	3	9	-	-	-	-
Sapateiro	17-1-915	3	14	-	-	-	-
Soldado de engenharia	22-1-915	-	14	-	-	3	15
Serralheiro	15-10-914	29	-	-	-	-	-
Aprendiz de funileiro	14-10-914	7	10	-	-	-	-
Engomadeira	3-10-914	26	4	-	-	-	-
Doméstica	23-1-915	-	9	-	-	19	10
Costureira	2-12-914	5	14	-	14	4	10
Trabalhador	2-12-914	10	9	-	-	-	-
Marceneiro	2-12-914	12	5	-	-	-	-
Marceneiro	2-12-914	7	9	-	-	-	-
Pedreiro	2-12-914	10	5	-	-	-	-
Marceneiro	2-12-914	6	10	14	5	10	9
Aprendiz de pintor	3-12-914	7	10	3	17	-	17
Marçano	7-12-914	13	9	-	-	-	-
Aprendiz	7-12-914	12	5	-	-	-	-
Calceteiro	7-12-914	16	5	14	14	10	15
Marçano	9-10-914	13	14	-	-	-	-
Alfaiate	9-10-914	7	10	-	-	-	-
Costureira	10-10-914	9	14	8	10	20	14
Aprendiz	10-10-914	10	14	-	-	-	-
Aprendiza de alfaiate	21-10-914	2	15	-	-	-	-
Engomadeira	3-10-914	12	14	-	-	-	-
Trabalhador	3-10-914	10	14	12	9	16	14
Servente de calceteiro	4-10-914	12	9	-	-	-	-
Marceneiro	15-10-914	9	9	12	9	8	14
Canteiro	16-11-914	2	14	-	-	-	-
Trabalhador	16-11-914	10	5	-	-	-	-
Vidraceutiro	2-11-914	7	14	-	-	-	-
Aprendiz	14-10-914	2	14	3	15	20	10
Aprendiz	14-10-914	8	5	-	-	-	-
Costureira	9-10-914	12	5	-	-	-	-
Brochante	7-12-914	8	10	-	-	-	-
Costureira	28-10-914	8	9	10	14	17	10
Serralheiro	28-10-914	3	15	-	-	-	-
Aprendiz de sapateiro	15-10-914	12	9	-	-	-	-
Pedreiro	22-1-915	4	10	-	15	3	34

Número de ordem	Nome	Idade
47	Armando Lopes Monteiro	11
48	José Garcia	15
49	Augusto Correia	25
50	Clotilde Ferreira	17
51	João Moura	13
52	Aníbal dos Reis	15
53	Luísa Campos Viegas	16
54	Armando Pimentel	14
55	Frederico da Costa Rito	20
56	Cacilda de Jesus	13
57	João Augusto Sérgio	13

Profissão	Data da matrícula	Janeiro Dias lectivos 28		Fevereiro Dias lectivos		Março Dias lectivos	
		Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento
Aprendiz de entalhador	9-1-915	7	9	13	14	5	10
Pedreiro	20-10-914	4	10	1	14	-	-
Ajudante de pintor	20-10-914	5	14	3	14	4	14
Doméstica	8-12-914	2	14	-	15	3	14
Alfaiate	20-12-914	-	10	8	10	22	4
Serralheiro	15-10-914	4	9	7	9	15	10
Ajudante de alfaiate	-	-	-	6	10	4	14
Vidraceiro	-	-	-	14	11	14	16
Calceteiro	-	-	-	-	-	-	15
Aprendiza de modista	-	-	-	-	-	-	14
Aprendiz de marceneiro	-	-	-	-	-	-	10
Média do curso		24	10	115	-	7	-

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola do Centro de Alexandre Braga

Número de ordem	Nomes	Idade
1	Emília da Conceição	44
2	Casimiro Peixe	37
3	Madalena de Jesus	11
4	Artur Adelino Ferreira	11
5	José Maria da Silva	11
6	Felisberto Barroso	36
7	Maria Eugénia dos Santos	11
8	Alberto Peres	13
9	José Augusto Marques	14
10	Júlia Pereira Cruz	15
11	Carlos Luís	14
12	João de Sousa	29
13	Marcos Teles	14
14	Adelaide Pereira	12
15	Augusto Fernandes	23
16	Luís Madeira	15
17	Elvira M. dos Santos	14
18	António M. dos Santos	15
19	João Luciano	23
20	José Pereira Santos	16
21	Pedro de Almeida	17
22	Adelino Martins	19
23	António Gomes Lemos	16

DE INSTRUÇÃO

feioamento

Professora, Deolinda Augusta de Oliveira

Profissão	Data da matrícula	Janeiro		Fevereiro		Março	
		Dias lectivos		Dias lectivos		Dias lectivos	
		Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
Doméstica	4-1-915	8	14	10	14	23	-
Tanoeiro	4-1-915	5	10	11	10	23	-
Sem ocupação	4-1-915	5	17	17	10	23	-
Estivador	4-1-915	2	18	16	10	11	10
Estudante	4-1-915	-	17	-	15	-	15
Carpinteiro	4-1-915	3	14	13	4	23	-
Costureira	4-1-915	3	17	12	10	23	-
Estudante	4-1-915	3	10	13	8	23	-
Aprendiz de serralheiro	11-1-915	2	18	16	-	23	-
Doméstica	12-1-915	-	14	5	10	11	10
Sem ocupação	12-1-915	10	10	17	-	23	-
Empregado	12-1-915	2	14	17	-	23	-
Empregado	18-1-915	2	10	16	-	23	-
Sem ocupação	18-1-915	-	18	1	15	2	15
Carvoeiro	25-1-915	-	14	-	15	-	15
Serralheiro	26-1-915	2	14	16	-	23	-
Costureira	27-1-915	2	14	4	10	16	10
Costureira	27-1-915	2	14	4	10	17	10
Trabalhador	3-2-915	-	-	8	14	23	-
Vendedor	17-2-915	-	-	1	18	2	15
Serralheiro	23-2-915	-	-	-	14	-	15
Engraxador	22-3-915	-	-	-	-	2	10
Funileiro	4-1-915	-	-	-	-	-	18
Média do curso		12	42	8	14	12	14

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola do Centro Escolar Miguel Bombarda

Número de ordem	Nome	Idade
1	Ricardo Henriques	20
2	Armando Nogueira	24
3	João Lopes Pereira	29
4	António Gomes Pratas	15
5	José Maria Gomes Pratas	15
6	Henrique Mateus	11
7	Augusto da Conceição Paz	14
8	Júlio Nobre	15
9	Albino Gomes	9
10	João Carvalho de Azevedo	24
11	José Joaquim Antão	45
12	Jacinto Nunes	13
13	José Mendonça	17
14	Francisco Gomes	13
15	Manuel Fialho Ribeiro Frio	13
16	José Francisco da Paz	16
17	António Pinto	18
18	Silvério Cotrim	17
19	José Marques	12
20	João Antonio	27
21	Carlos Cardoso dos Santos	12
22	Daniel Gaspar	10
23	Francisco Gomes	13
24	António Pereira Horta	9
25	Artur Maria	18
26	José dos Santos Reixa	12
27	António Boiadas	14
28	Manuel Vieira Nobre	20
29	Jaime Alves	13
30	Augusto Lourenço	13
31	Joaquim G-spar	12
32	Carlota Ventura	11
33	Antonio Joaquim Costa	14
34	Joaquim Fernandes	11
35	Jaime da Silva	13

DE INSTRUÇÃO

feioamento

Professora, Albertina de Jesus Lourenço

Profissão	Data da matrícula	Janeiro		Fevereiro		Março	
		Dias lectivos 20		Dias lectivos		Dias lectivos	
		Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
Operário	19-10-914	3	10	14	-	21	-
Brochante	19-10-914	12	9	16	-	21	-
Empregado na Comp. ^a do Gás	20-10-914	1	-	10	-	21	-
Empregado no comércio	20-10-914	19	-	2	12	5	12
Impressor	20-10-914	18	-	16	-	21	-
Jornaleiro	21-10-914	15	9	13	9	19	-
Vendedor de cautelas	2-11-914	9	9	3	9	11	6
Serralheiro	23-11-914	18	-	16	-	21	-
Não tem emprêgo	14-12-914	16	9	15	-	21	-
Comerciante	14-12-914	4	10	13	-	21	-
Jardineiro	14-12-914	2	10	15	-	21	-
Empregado	15-12-914	4	10	6	10	11	10
Empregado no jornal <i>A Luta</i>	15-12-914	6	12	2	12	6	12
Aprendiz de pintor	16-12-914	14	9	15	-	21	-
Funileiro	16-12-914	2	10	-	16	1	10
Carpinteiro de automóveis	16-12-914	9	10	6	10	11	10
Torneiro de metais	28-12-914	15	9	16	-	21	-
Operário	4-1-915	2	12	2	13	4	13
Sapateiro	4-1-915	9	9	13	-	21	-
Guarda-fios	4-1-915	12	9	16	-	20	-
Serralheiro	5-1-915	18	-	16	-	21	-
Sapateiro	11-1-915	1	10	1	10	2	10
Serralheiro	15-1-915	-	10	10	10	10	-
Não tem emprêgo	15-1-915	3	9	15	-	14	9
Trabalhador	18-1-915	1	10	7	10	4	12
Polidor	18-1-915	2	10	-	10	4	10
Serrador	20-1-915	-	9	15	-	21	-
Criado	28-1-915	-	-	3	10	-	10
Vendedor de cautelas	29-1-915	-	-	9	9	7	9
Serralheiro	3-2-915	-	-	1	13	10	12
Canteiro	3-2-915	-	-	2	13	1	3
Não tem emprêgo	12-2-915	-	-	5	9	16	-
" " "	2-3-915	-	-	-	-	-	10
" " "	9-3-915	-	-	-	-	-	10
Vendedor de cautelas	24-3-915	-	-	-	-	1	-
Média do curso		14	9,7	13	10,5	13	10,5

Trabalhos dos núcleos da Liga

Sendo particularmente notáveis os trabalhos levados a efeito por alguns dos núcleos da Liga de Instrução, abrimos no nosso arquivo uma secção especial onde se vá registando o generoso esforço das pessoas que nos diferentes pontos do país e colónias tam dignamente tem procurado secundar os nossos esforços.

Pela grandeza da obra já realizada, cabe o primeiro lugar ao núcleo de Benguela (África Occidental). Pela publicação dum seu relatório, contas e fotografias bem se pode avaliar a superior orientação, espírito prático e tenacidade com que ali se tem trabalhado.

Pedimos, pois, aos núcleos que nos enviem nota circunstanciada dos trabalhos realizados nos últimos tempos, para que não só se afirme a sua vitalidade como se estimule o meio para uma acção mais activa e prática em prol da instrução.

Liga Nacional de Instrução — Núcleo local de Benguela

Benguela, em 24 de Maio de 1913 — Ex.^{mo} Sr. — Embora oferecesse algum interêsse o relato minucioso da vida da Liga em Benguela, descrevendo-se as dificuldades que teve de vencer e a hostilidade que lhe foi movida, algumas vezes por aqueles mesmos que tinham o dever indeclinável de a ajudar a lançar-se e a progredir, abster-me hei de o fazer, entre outras, pela razão de que o não supponho indispensável para que possa ver-se a boa vontade e dedicação com que o núcleo desta cidade tem trabalhado e a grandeza da obra que se impôs realizar.

Limitar-me hei, pois, a historiar resumidamente as diversas vicissitudes por que êle tem passado, e a orientação a que tem subordinado os seus trabalhos.

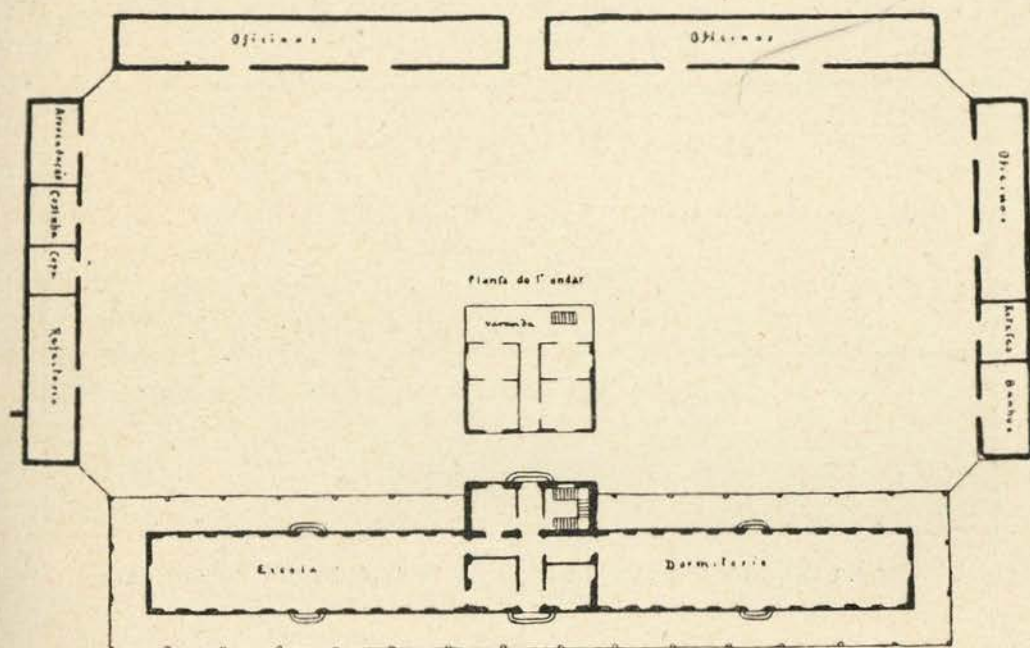
*

Fundou-se o núcleo de Benguela no fim de 1907, devido ao esforço dedicado e inteligente do advogado Dr. Baltasar de Araújo Brito e Rocha de Aguiam, incumbido pela Direcção dêste serviço.

Durante os anos de 1908 e 1909 foi muito precária a sua vida e muito variável a sua constituição. ; Bastará dizer que no fim dêste último ano só dois dos fundadores faziam parte dêle e que a cobrança efectuada até então não excedia a modesta quantia de 505\$73!

Mal disposto por estes factos, convoquei uma sessão em Dezembro de 1909, com o firme propósito de lhe insuflar novo alento e energia ou de promover a sua dissolução. E foi desta sessão que começou a fase de vida intensa, orientada e útil, que o núcleo tem tido até hoje e que de desejar é que continue tendo, para levar a cabo o seu grande empreendimento, que vem suprir em parte as deficiências da acção do Estado nos serviços da instrução pública.

Até então não se tinha definido duma maneira precisa qual seria o plano de trabalhos da Liga na cidade e no distrito. Havia-se pensado na construção duma escola que se ofereceria à câmara e que esta depois, a expensas suas, sustentaria, ministrando nela a instrução primária. Sem nunca me haver manifestado pró nem contra esta idea, parecia-me contudo que ela não representava a maior aspiração que aos membros do núcleo era lícito conceber para a nova instituição; e assim pensei que não seria um exagêro levar mais longe o seu objectivo e planear-se a edificação e sustentação, embora com subsídios das camaras e do Estado, duma escola-official com uma granja de aprendizagem agrícola e com internato de todos os alunos. Os motivos que principalmente me determinavam neste sentido eram: o reconhecimento da necessidade imperiosa e incontestável de ministrar uma instrução de carácter prático e utilitário ao grande número de



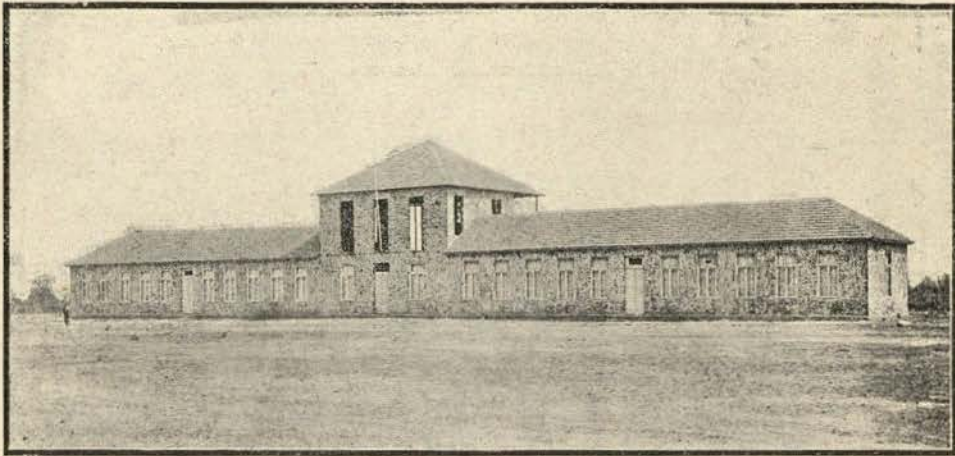
Escola do núcleo local da Liga de Instrução em Benguela — Planta

crianças que vivem e crescem no meio da imoralidade das *sanzalas*, candidatos forçados ao crime, à ociosidade e ao alcoolismo, e ao mesmo tempo a idea de criar ao colono europeu os auxiliares indispensáveis, especialmente para a agricultura e pequena indústria, formando simultâneamente um núcleo de população nativa de bom carácter e morigeração que seria de futuro um obstáculo ao desastrado regresso que sofrem, em consequência da acção do meio, os naturais que, educados fora, para aqui voltam e nele se integram.

Apresentadas na referida sessão estas razões e o plano que havia concebido, tudo mereceu a aprovação unânime dos membros do núcleo, sendo de caminho resolvido começar-se uma propaganda intensa por meio de publicações e conferências, e procurando-se por todas as formas captar donativos e subscritores. Constituíam então o núcleo o

Dr. Manuel José de Oliveira Machado, como vice-presidente, José Fernandes da Cunha, secretário, Apio de Souto Maior, tesoureiro, o Dr. Baltasar de Aguiam, Abílio de Oliveira Bastos e José da Fonseca Morais, como vogais, e o signatário como presidente. Pouco tempo depois, porém, faleceu o tesoureiro Souto Maior, passando a desempenhar o seu cargo o vogal Abílio Bastos, que ainda hoje o desempenha.

Durante os anos de 1910 e 1911 procurou-se dar inteira execução ao que se havia deliberado na sessão de Dezembro de 1909, e assim foram feitas conferências de propaganda pelo médico Dr. Arnaldo Nogueira de Lemos e o advogado Dr. Baltasar de Aguiam, promoveram-se saraus, touradas e quermesses em benefício do cofre do núcleo, angariou-se grande número de subscritores, conseguiu-se que fôsem entregues ao núcleo os fundos obtidos por uma comissão que se propunha construir um asilo-escola com o nome de Eduardo Costa, foram nomeados delegados em diversos pontos do distrito, es-



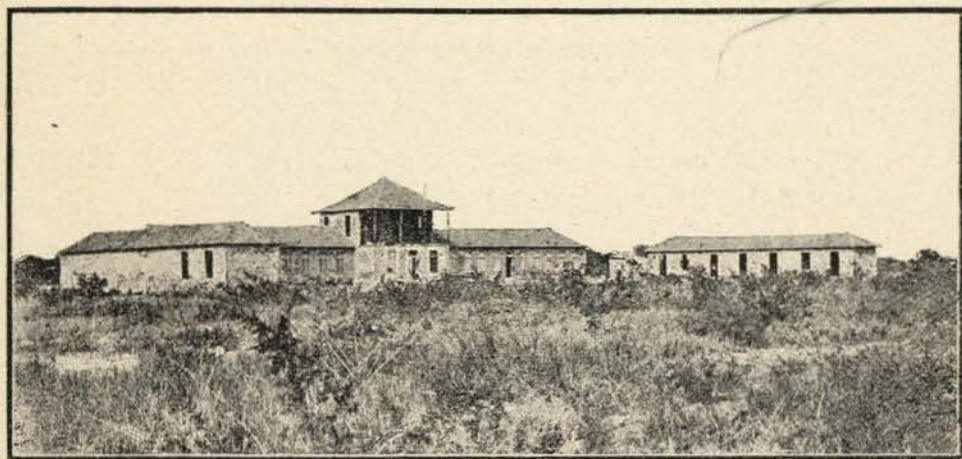
Escola do núcleo local da Liga de Instrução em Benguela
Vista de frente

colheu-se o local para a escola de harmonia com as indicações dos médicos, aprovou-se o projecto e, finalmente, em 16 de Abril de 1911, fez-se o lançamento solene da primeira pedra do edifício, com a assistência do governador do distrito, magistrados judiciais, camaras de Benguela e de Catumbela, e da população duma e doutra e do Lobito.

A escola em construção obedece à planta de que envio a fotografia, e está um pouco mais adiantada do que indicam as outras fotografias que vão juntas àquela, esperando-se que dentro dum ano esteja pronta a funcionar.

Pelas contas juntas, que fazem parte integrante dêste relatório, se vê qual a importância despendida até o fim de 1912 e qual a existência em cofre. Esta não é suficiente para o acabamento das obras e aquisição de mobiliário; contamos porém que, com mais 6:000\$000 réis, conseguiremos uma e outra cousa, e esperamos até o fim dêste ano obter o que nos falta para aquela cifra.

A composição do núcleo na data em que começou o trabalho mais activo de propaganda era a que atrás ficou referida. Mais tarde, porém, como o vogal Fonseca Morais fôsse o adjudicatário da administração da obra, foi licenciado, entrando como vogal o advogado Dr. Amílcar Barca Martins da Cruz. O secretário José Fernandes da Cunha, por ter retirado para Lisboa, foi substituído pelo escrivão de fazenda António Manuel Jacinto Guerreiro. O Dr. Baltasar de Aguiar retirou também para a metrópole, mas não foi nomeada pessoa alguma para o seu lugar por se ter anteriormente escolhido para vogal o representante da comissão do asilo-escola Eduardo Costa, Inácio da Fonseca Costa. Assim, há já mais dum ano que o núcleo tem a seguinte composição e distribuição de funções: presidente, o signatário; vice-presidente, o Dr. Oliveira Machado; secretário, António Guerreiro; tesoureiro, Abílio Bastos; vogais, Inácio da Fonseca Costa e Dr. Amílcar Barca.



Escola do núcleo local da Liga de Instrução em Benguela
Vista posterior

Não devo encerrar êste relatório sem nele consignar o muito reconhecimento dêste núcleo para com os Ex.^{mos} Srs. Ministro das Colónias, Cerveira e Albuquerque, e Director Geral Eusébio da Fonseca, pelo subsídio que incluíram no orçamento para as obras da escola, Governador Geral, Norton de Matos, Câmaras de Benguela e Catumbela, Governador do Distrito Góis Pinto, pelo auxílio e protecção official e particular que tem dispensado à Liga, e ainda para com os Ex.^{mos} Srs. Sousa Lara, Soares Nazaré, Bernardino Correia, Manuel Fonseca, D. Francisca Paula Silva, delegados do núcleo, e para os srs. subscritores em geral pela útil e sincera cooperação que tem dado para minorar o pesado encargo que êste núcleo se impôs de dotar esta cidade com um melhoramento que seja o atestado vivo da generosidade e do espírito progressivo da sua população.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Direcção da Liga Nacional de Lisboa.

O Presidente do Núcleo Local, *Alberto Nogueira de Lemos.*

Contas do Núcleo Local da

Desde 27 de Outubro de 1911

1911		
Outubro . 27	Saldo em caixa	117\$555
1912		
Dezembro 31	Cotas anuais recebidas desde a última publicação das contas	358\$000
	Cotas mensais, idem	925\$700
		1:283\$700
	Donativos extraordinários	
	Produto dum a récita em Janeiro de 1912 . . .	221\$300
	Produto dum a tourada em Fevereiro de 1912 . . .	132\$900
	Produto dum a récita em Março de 1912 . . .	122\$000
	Produto dum a tourada em Março de 1912 . . .	158\$960
	Recebido de diversos subscritores	53\$870
	Produto da venda de exemplares da poesia do Ex. ^{mo} Sr. A. Pina «Portugal Libertos» oferecido à Liga pelo autor	69\$120
	Recebido do Ex. ^{mo} Sr. J. M. R. Norton de Mattos	30\$000
	Recebido do Governo	2:500\$000
	Idem da Comissão delegada da Associação Commercial e do Comércio de Benguela, Catumbela e Lobito, para tratar dos assuntos referentes aos acontecimentos do Bailundo em 1911	90\$110
	Produto das festas anuais da Liga incluindo a quermesse	1:262\$040
		4:640\$300
	Importância retirada do depósito que existia na Caixa Filiar do Banco Nacional Ultramarino	3:170\$115
	Importância retirada por diversas vezes do depósito existente na casa comercial de Silva & Lopes	3:700\$000
		12:911\$670

Res

Saldo em 27 de Outubro de 1911	117\$555
Receita obtida durante o período destas contas	5:924\$000
Levantiamento do depósito que havia na C. F. do B. N. U.	3:170\$115
Levantiamento de dinheiro do depósito existente na casa de Silva & Lopes	3:700\$000
	12:911\$670

(a) Além desta importância existe ainda 1:500\$000 réis do depósito que ali havia sido

Observação.—O material que, à data da última publicação das contas, a Liga possuía

Benguela, em 31 de Dezembro de 1912.—O Presidente, *Alberto Nogueira*

Liga Nacional de Instrução

até 31 de Dezembro de 1912

1912		
Dezembro 31	Despendido com a récita em Janeiro de 1912	34\$540
	Idem com a tourada de Fevereiro de 1912	64\$109
	Idem com a récita de Março de 1912	48\$960
	Idem com a tourada de Março de 1912	63\$940
	Idem com o expediente	37\$560
	Gratificações ao cobrador relativa a quinze meses	90\$000
	Despendido com a quermesse e outros festejos da Liga	335\$639
		674\$748
	Despendido com a construção da escola desde a última publicação das contas	9:939\$865
	Importância depositada na casa comercial de Silva & Lopes por uma so vez	2:000\$000
	Balanço	297\$057
		12:911\$670

umo

Despesa feita durante o período destas contas	674\$748
Despesa feita com a construção da escola no mesmo espaço de tempo	9:939\$865
Dinheiro depositado na casa comercial de Silva & Lopes (a)	2:000\$000
Dinheiro em caixa em 31 de Dezembro de 1912	297\$057
	12:911\$670

feito anteriormente, perfazendo o total de 3:500\$000 réis.

na Companhia C. de Angola, já foi aplicado nas obras da escola.

de Lemos—O Tesoureiro, *Abilio de Oliveira Bastos*.

Contas do Núcleo Local da

Desde

1910		
Janeiro. . . 1	Saldo existente como da última publicação no jornal <i>O Ben-guela</i> , de 8 de Janeiro dêste ano	505\$730
Dezembro 31	Cotas anuais recebidas durante o ano	340\$500
	Ditas mensais recebidas durante o ano	500\$600
		<u>841\$100</u>

Donativos extraordinários

Produto de um sarau	278\$700	
Idem da rifa de um cavalo	175\$000	
Recebido da Associação dos Empregados do Comércio pelo produto duma sessão animatográfica realizada por Joaquim Mantero	34\$575	
Recebido de Manuel Soares Nazaré	150\$000	
Idem de diversos subscritores	560\$750	
		<u>1:199\$025</u>
		<u>2:545\$855</u>

1911

Janeiro. . . 1	Saldo em caixa	1\$855
Outubro. . . 24	Cotas anuais recebidas até hoje	361\$500
	Ditas mensais recebidas até hoje	658\$600
		<u>1:020\$100</u>

Donativos extraordinários

Produto de um divertimento carnavalesco promovido pelos cidadãos Constantino Augusto Coelho e Isidoro C. Frausto	21\$035	
Produto duma tourada	261\$500	
Produto de um sarau dramático-musical	307\$300	
Idem da liquidação do Grémio Escolar do Luimbale	92\$385	
Recebido da Ex. ^{ma} Câmara de Catumbela	100\$000	
Recebido pelo produto líquido duma quermesse comemorativa do primeiro aniversário da República Portuguesa e promovida por uma comissão de cidadãos	836\$580	
Recebido de diversos subscritores	353\$850	
		<u>1:972\$650</u>
Importância retirada do depósito na Caixa Filial do Banco Nacional Ultramarino		1:000\$000
Recebido pela transferência do depósito na Caixa Filial do Banco à ordem do tesoureiro da comissão promotora do Asilo Escola Eduardo Costa, Sr. Inácio da Fonseca Costa, para o tesoureiro da Liga Nacional de Instrução, Abílio de Oliveira Bastos		3:170\$115
		<u>7:164\$720</u>

Liga Nacional de Instrução

1910

1910		
Dezembro 31	Despendido durante o ano com livros e outros artigos de expediente	10\$500
	Gratificação ao pianista que fez parte do sarau	10\$000
	Despendido com a selagem de 70 bilhetes para a rifa de um cavalo	17\$500
	Gratificação ao cobrador da Liga	66\$000
		<u>104\$000</u>
	Importância depositada na casa comercial de Silva & Lopes, por diversas vezes, vencendo juros de 5 por cento ao ano	2:440\$000
	Saldo em caixa	1\$855
		<u>2:441\$855</u>
		<u>2:545\$855</u>

1911

Outubro. . . 24	Despendido até hoje com o expediente	18\$700
	Idem com a tourada (benefício)	37\$000
	Idem com o sarau (benefício)	138\$830
	Gratificação ao cobrador (dez meses)	60\$000
		<u>254\$530</u>
	Despendido com a construção da Escola em compra de material, salários ao pessoal, fretes, etc., até hoje	1:062\$520
	Importância depositada na casa comercial de Silva & Lopes, por diversas vezes, vencendo juros de 5 por cento ao ano	2:560\$000
	Dinheiro em caixa	117\$555
	Pela transferência do depósito na Caixa Filial do Banco Nacional Ultramarino à ordem do tesoureiro da comissão promotora do Asilo Eduardo Costa, Sr. Inácio da Fonseca Costa, para o tesoureiro da Liga, Abílio de Oliveira Bastos	3:170\$115
		<u>3:287\$670</u>

7:164\$72

Res

Saldo em 1 de Janeiro de 1910	505\$730
Receita obtida durante o ano de 1910	2:040\$125
Idem idem desde 1 de Janeiro até 24 de Outubro de 1911	2:992\$750
Idem idem da comissão promotora do Asilo Eduardo Costa em 7 de Fevereiro do corrente ano à ordem na Caixa Filial do Banco Nacional Ultramarino em nome do tesoureiro da mesma	4:170\$115
	<u>9:708\$720</u>

A Liga possui mais o seguinte material depositado na Companhia Comercial de Angola:

10 metros cúbicos de madeira oferecida pelo Ex.^{mo} Sr. Sousa Lara em nome da mesma Companhia;

1 metro cúbico de madeira oferecida pelo Ex.^{mo} Sr. Sousa Lara, a título duma remissão como sócio da Liga;

Uma quantidade de madeira usada oferecida pela comissão promotora da Quermesse

Benguela, em 26 de Outubro de 1911.—O Presidente, *Alberto Nogueira*

umo

Despesa feita durante o ano de 1910	104\$000
Idem idem desde Janeiro de 1911 até hoje	254\$530
Idem idem com a construção da Escola até a presente data	1:062\$520
Saldo (*)	8:287\$670

9:709\$720

(*) Dinheiro depositado na casa comercial de Silva & Lopes, vencendo

juros de 5 por cento ao ano	5:000\$000
Dinheiro depositado na Caixa Filial do Banco Nacional Ultramarino	3:170\$115
Dinheiro em caixa	117\$555

8:287\$670

ra de Lemos—O Tesoureiro, *Abilio de Oliveira Bastos*.

